

Sveučilište u Zagrebu

Filozofski fakultet

Odsjek za romanistiku

NEOLOGISMOS DE *HARRY POTTER* NO
ORIGINAL E NA TRADUÇÃO – UMA ANÁLISE
CONTRASTIVA

Ime i prezime studenta:

Marko Mravunac

Ime i prezime mentora:

Dr. sc. Nina Lanović

Zagreb, 28. rujna 2017.

RESUMO:

O objetivo desta tese é ver quais processos de formação de palavras e semânticos foram usados com mais frequência nos neologismos ingleses de *Harry Potter* e na sua tradução para a língua portuguesa – a variedade europeia e a variedade brasileira. A ênfase especial foi posta ao 23 neologismos que pertencem à categoria de objetos mágicos. Foram analisados os morfemas usados para criar os neologismos e a questão de existência de um tipo de padrão, ou seja, se existem alguns morfemas que são mais produtivos e que, por essa razão, poderiam ser usadas com mais frequência. A breve análise de traduções feitas em português europeu e português brasileiro mostrou que as tradutoras dos livros optaram por várias soluções, às vezes semelhantes ou mesmas à versão original e às vezes diferentes. A análise mostrou que os processos são muito individuais e dependem de caso ao caso. Na versão brasileira existe muito mais esforço por parte da tradutora na tradução e recriação de neologismos e nomes próprios presentes nos sete livros que na versão europeia. Cruzamento”, a “Derivação” e a “Combinação” foram os três processos usados com a maior frequência. A “Derivação”, ou melhor, a sufixação foi usada mais que os outros.

palavras chaves: morfologia, neologismos, cruzamento, derivação, combinação, tradução

SAŽETAK:

Cilj ovog rada bio je vidjeti koji procesi stvaranja riječi su najčešće korišteni u prijevodu i rekreaciji engleskih neologizama iz serijala *Harry Potter* i njegovih prijevoda na dvije varijante portugalskog jezika: europsku i brazilsku. Pozornost je posvećena korpusu od 23 neologizma koji pripadaju kategoriji čarobnih predmeta. Analizirani su morfemi koji su korišteni za stvaranje neologizama kao i pitanje postojanja uzorka, odnosno, jesu li neki morfemi produktivniji pa se, iz tog razloga, češće koriste. Analiza portugalskih i brazilskih primjera pokazala je da su se prevoditeljice odlučivale za različita rješenja koja nisu uvijek nužno odgovarala originalu. Procesu stvaranja neologizama i njihove rekreacije vrlo su individualni i ovise od slučaja do slučaja. Brazilska je verzija mnogo bogatija od europske, prevoditeljica je uložila veći trud u rekreaciju neologizama. Stapanje, kombinacija i derivacija i stapanja tri su morfološka procesa koja su najčešće korištena u rekreaciji neologizama. Od ta tri procesa, najčešće je korištena derivacija.

ključne riječi: morfologija, neologizmi, prijevod, derivacija, kombinacija, stapanje

ÍNDICE:

RESUMO.....	1
1. INTRODUÇÃO.....	4
2. INTRODUÇÃO AO FENÓMENO DE <i>HARRY POTTER</i>	5
2.1. SOBRE A AUTORA.....	5
2.2. SOBRE A SÉRIE E O MUNDO MÁGICO.....	6
2.3. <i>HARRY POTTER</i> NA TRADUÇÃO (PORTUGUESA).....	7
3. INTRODUÇÃO BREVE À TEMÁTICA DE FANTASIA E NEOLOGIA.....	10
3.1. TRADUÇÃO DO FANTÁSTICO.....	10
3.2. NEOLOGIA:.....	12
3.2.1. PETER NEWMARK.....	12
3.2.2. MARIA TERESA CABRAL CASTELLVÍ.....	13
3.2.3. NATAŠA PAVLOVIĆ.....	14
4. FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	16
4.1. OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS PROPOSTOS POR VILELA....	17
4.2. OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS PROPOSTOS POR DELAHUNY E GARVEY.....	20
5. A ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS EM <i>HARRY POTTER</i>	21
5.1. SOBRE O CORPUS.....	21
5.2. ALGUMAS OBSERVAÇÕES ANTES DA ANÁLISE.....	22
5.3. NEOLOGISMOS EM <i>HARRY POTTER</i>	23
5.3.1. Howler – gritador – berrador.....	25
5.3.2. The Quibbler – A Voz Delirante – O Pasquim.....	25
5.3.3. Bludger – bludger – balaço.....	26

5.3.4. Rememberall – lembrador – lembrol.....	27
5.3.5. Firebolt – Flecha de fogo – Firebolt.....	27
5.3.6. Portkey – botão de transporte – chave de portal.....	28
5.3.7. Knightbus – Autocarro Cavaleiro – Nôitibus Andante.....	29
5.3.8. Sneakoscope – avisoscópio – bisbilhoscópio.....	29
5.3.9. Pensieve – pensatório – penseira.....	30
5.3.10. Horcrux – horcrux – horcrux.....	31
5.3.11. Quidditch – quidditch – quadribol.....	32
5.3.12. Chaser – chaser – artilheiro.....	33
5.3.13. Keeper – keeper – goleiro.....	33
5.3.14. Beater – beater – batedor; Seeker – seeker – apanhador.....	34
5.2.15 Quaffle – quaffle – goles.....	34
5.3.16. Snitch – snitch (dourada) – pomo de ouro.....	35
5.3.17. Slytherin – Slytherin – Sonserina.....	36
5.3.18. Gryffindor – Gryffindor – Grifinória.....	36
5.3.19. Ravenclaw – Ravenclaw – Corvinal.....	37
5.3.20. Hufflepuff– Hufflepuff – Lufa Lufa.....	38
5.3.21. Boggart – sem forma – bicho papão.....	39
5.3.22. Goblin – duende (goblin) – duende.....	40
6. CONCLUSÃO.....	41
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PRIMÁRIAS.....	44
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SECUNDÁRIAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

O fim deste trabalho é conseguir uma visão completa dos neologismos em *Harry Potter* através da análise do corpus linguístico. O objetivo está dividido em duas partes; vamos tentar ver quais processos da formação de palavras são os mais comuns para a tradução e a recriação das palavras (transcrição). O corpus linguístico para esta análise vai incluir as traduções portuguesas de neologismos da série *Harry Potter*, originalmente escrita por Joanne Kathleen Rowling em inglês. Os neologismos escolhidos para a análise são os mais representativos e pertencem aos dois grupos que podemos chamar “objetos mágicos” e “nomes próprios”. Trata-se de uma pesquisa baseada num corpus feito por mim, baseado nos sete livros originais de *Harry Potter*. Nem todos os neologismos aparecem em cada livro e por isso vamos tratar de só uma pequena espécime das palavras mais comuns. O trabalho vai também incluir a análise de estruturas morfológicas de ditos neologismos para ver se existe um modelo na tradução e recriação deles, ou seja, se alguns morfemas são usados com mais frequência que outros em português.

Vamos analisar os mesmos neologismos em duas nas duas traduções da língua portuguesa: a variedade europeia e a variedade brasileira. Isto é o caso simplesmente porque queremos tentar criar um quadro mais completo da riqueza e variedade linguística. Mais uma razão para esta escolha é o facto que na versão europeia muitos neologismos foram mantidos ou preservados na forma original, ou seja, inglesa. É provável que nestas traduções certos processos da formação de palavras foram usados com mais frequência que outros, especialmente os processos mais produtivos, como por exemplo o da derivação. Ao mesmo tempo, também podemos supor que os tradutores, ou melhor, as tradutoras, usaram os mesmos processos na recriação e tradução de neologismos de inglês para o português que a autora usou na criação de neologismos originais.

Quanto à questão de morfemas e as paradigmas ou modelos usados na recriação, é provável que certos morfemas sejam mais produtivos que outros e que sejam por esta razão usados muito mais. Línguas diferem entre si, mas vamos ver se existem certos morfemas do “mesmo status” que são usados em inglês tão bem como nas duas variedades de português.

A análise foi dividida em duas partes: a primeira parte consiste de uma “seleção manual” dos neologismos mais representativos ao largo da série que são analisados tendo em conta os processos da formação de palavras propostas pelo Mário Vilela, mas também

por Gerald Delahunty e James Garvey cuja classificação foi adicionada às ideias propostas pelo Vilela. A segunda parte da análise examina os mesmos neologismos mas nesta parte a ênfase é posta nas várias soluções para a recriação e tradução de neologismos com a intenção de classificá-los segundo à distinção enunciada por Nataša Pavlović. Ao contrário da análise feita tendo em conta a classificação de Vilela, esta não se focaliza na morfologia, mas oferece soluções mais práticas para tradutores; estas soluções, como vamos ver, incluem vários níveis da linguística, tão bem como a cultura e língua em geral. Podemos dizer que esse método se baseia mais na própria criação de neologismos escolhidos para a análise de ponto de vista da criação semântica.

Antes da própria análise de neologismos, vamos apresentar várias informações básicas e introduções breves sobre a criação e o impacto de Harry Potter, o papel do significado, os processos da formação de palavras, os neologismos, os problemas da tradução da fantasia com ênfase especial na tradução de neologismos. Isto vai servir para que tenhamos um melhor conhecimento de vários termos linguísticos usados na parte da análise.

2. INTRODUÇÃO AO FENÓMENO DE *HARRY POTTER*

Nesta parte vamos mencionar uns factos básicos sobre a autora da série, incluindo o papel da cultura portuguesa na criação do seu próprio mundo mágico que vai ser descrito em breves linhas. Esta parte vai introduzir as tradutoras de *Harry Potter* para as duas variedades da língua portuguesa, assim como as diferenças entre os títulos dos sete livros principais e o facto que existem pelo menos quatro mais livros que pertencem a este mundo mágico.

2.1. SOBRE A AUTORA

Joanne Kathleen Rowling é uma escritora britânica que é mais famosa por ser a autora da série *Harry Potter*. Ela nasceu em 31 de julho de 1965 em Yate, Reino Unido. Escrevia livros desde a sua infância. Recebeu o seu BA em francês e clássicos na Universidade de Exeter. Começou a escrever o primeiro livro da série, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, em 1990 num momento de pura inspiração. Viveu algum tempo em Portugal, no Porto, onde

trabalhava como professora de inglês e onde se casou com Jorge Arantes em 1992. Um facto interessante é que a *Livraria Lello* na cidade do Porto foi a inspiração para a livraria *Flourish and Blotts* que aparece nos livros. Regressou ao Reino Unido quando seu casamento terminou em 1993 e lá acabou de escrever o primeiro livro. Tinha dificuldades com a sua publicação, o livro foi rejeitado pelos agentes literários constantemente até que foi aceite e publicado pela Editora Bloomsbury em 1997. Foi nessa época que apareceu o “pseudónimo” J. K. Rowling (em vez de Joanne Rowling): os agentes literários achavam que mais crianças, especialmente os rapazes, iriam ler o livro se não soubessem que esse foi escrito por uma autora e não um autor. O livro teve imenso sucesso e o resto é história.

J. K. Rowling continuou a escrever os livros: depois da publicação do último livro da série, *Harry Potter e os Talismãs da Morte* em 2007, ela começou escrever livros fora do mundo mágico de Harry Potter, mas a história de Harry Potter, o rapaz que sobreviveu, não tinha terminado. Rowling criou uma página da internet que se chama *Pottermore* e que é uma plataforma para publicar materiais e informações adicionais sobre o mundo da magia, em vez de uma enciclopédia. Em 2016, ela colaborou com John Tiffany e Jack Thorne na peça de teatro chamada *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*, que foi publicado na forma de livro também. A autora também escreveu o guião para o filme *Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los* (2016). Joanne Rowling mora com a sua família em Edimburgo, Escócia, escreve livros sob o pseudónimo de Robert Galbraith e faz trabalho filantrópico, com ênfase no bem-estar das crianças, anti-pobreza e esclerose múltipla.

2.2. SOBRE A SÉRIE E O MUNDO MÁGICO

O primeiro livro de *Harry Potter* foi publicado em 1997. A série tornou-se um grande fenómeno, primeiramente com os livros e depois com os filmes também. Mais de 450 milhões de cópias de livros foram vendidas¹ e o impacto foi, e ainda é, grande. A história começou com um momento de pura inspiração de Joanne Rowling quando estava a viajar para Londres em 1990. Ela imaginou um rapaz numa escola de magia e o resto é história. Em junho de 2016 foi publicado um novo livro que se chama *Harry Potter e a Criança*

¹ http://harrypotter.scholastic.com/jk_rowling/

Amaldiçoada – Parte Um e Dois, uma peça de teatro na verdade e não uma romance², o mundo conhece a história do Harry Potter, os livros e os filmes, assim como os parques temáticos em certas cidades do mundo e jogos do computador, fazem parte não só da cultura inglesa, mas de quase todas as culturas mundiais. Novos fãs aparecem todos os dias e parece que a série vai viver para sempre.

Em breve, a história trata de um feiticeiro jovem que tem que lutar contra um vilão que se chama Lord Voldemort e os seus apoiantes para obter paz no mundo mágico. A história está situada na Inglaterra, existem muitos elementos culturais que nos ajudam a perceber este fato. O mundo da magia existe paralelamente ao mundo “normal”, o mundo das pessoas não-mágicas que se chamam os “muggles”. Embora a série não seja a primeira a descrever um mundo mágico, a autora Rowling usa muitos chavões e fatos estereotipados que já conhecemos e sabemos sobre os feiticeiros e as bruxas, ela esforçou-se muito para adicionar elementos novos e descrever o mundo mágico realmente seu.

O efeito que o mundo imaginado por J. K. Rowling tem ao mundo real é enorme, muitas coisas do mundo mágico, como por exemplo a comida presente nos livros e filmes, pode comprar-se hoje em dia nas lojas especializadas e é possível para os fãs provar a mesma comida que seus personagens favoritos comem e de que gostam muito. O facto mais interessante e mais relevante para destacar o nível da influência que a série tem no mundo real é a introdução de substantivo já mencionado que é o “muggle”. Esta palavra usada para nomear as pessoas não mágicas foi introduzida ao “The Oxford English Dictionary” em 2003³. A palavra pode ser, e é, usada fora do mundo de *Harry Potter* para falar de pessoas sem capacidades específicas que, por essa razão, podem ser vistas como inferiores (“A person who is not conversant with a particular activity or skill”, OED) assim como os “muggles” de *Harry Potter* são vistos como inferiores por certos personagens. Esta série foi escolhida porque se tornou uma das mais importantes do mundo nos últimos anos, quase não existem pessoas que não conheçam a história de Harry Potter, “o rapaz que sobreviveu”.

2.3. HARRY POTTER NA TRADUÇÃO (PORTUGUESA)

² <https://www.pottermore.com/cursed-child>

³ <http://www.bbc.com/news/uk-39586989>

Os livros foram traduzidos para pelo menos 69 línguas⁴, incluindo o latim e o grego antigo e foram publicados em quase todos os países do mundo. No caso de português, os livros foram traduzidos na variedade europeia e também na variedade brasileira devido ao facto que existem várias diferenças entre as duas normas. Por causa da língua que a autora Rowling usou nos livros, especialmente os neologismos, palavras para coisas novas e inventadas nesse mundo fantástico, o trabalho de tradutores provavelmente não foi fácil, mas, vendo a popularidade da série no mundo, podemos concluir que as traduções foram mais ou menos bem sucedidas. A maioria das traduções dos livros pelo português europeu foi feita por Isabel Fraga (os primeiros tres livros e partes dos próximos dois). Os últimos quatro livros foram traduzidos por um grupo de tradutores: Isabel Fraga, Isabel Nunes, Manuela Madureira, Alice Rocha e Maria do Carmo Figueira. Todas as traduções brasileiras foram feitas por Lia Wyler, ela traduziu os sete livros da série e também é a tradutora dos três livros adicionais. A senhora Wyler foi elogiada por suas traduções pela própria autora, mas também foi criticada por parte de fãs devido às suas traduções dos nomes próprios⁵.

A história está situada num mundo mágico, e por isso, claro, a autora teve que criar muitas coisas para construir o seu mundo especial. Isto também incluiu a invenção de palavras que puderam ser usadas para as novas invenções da autora. A nomeação destes elementos mágicos foi feita usando certas estratégias. Para fazer isto, é necessário ter uma grande dose da imaginação e criatividade. O processo é ainda mais complicado da perspectiva de tradutor. É o tradutor que tem que ver como é que o neologismo, ou a palavra, foi criada em primeiro lugar e depois encontrar uma maneira de traduzi-la ou seja talvez transcriá-la em uma outra língua. A presença dos neologismos em um livro ajuda manter a ideia de dinamismo linguístico, incorporando novos conceitos no vocabulário de uma língua, e através da tradução, em outras também. O problema com os neologismos é que é difícil incorporá-las no vocabulário comum de uma língua e de uma sociedade. Às vezes, depois de muito uso, eles param de ser neologismos e são considerados palavras “normais”, mas é necessária uma certa frequência de uso para atingir este nível. Por essa razão, é óbvia a importância de uma série como *Harry Potter*. É provavelmente uma das mais bem sucedidas séries no mundo; pode influenciar a sociedade tão bem como a

⁴ http://harrypotter.scholastic.com/jk_rowling/

⁵ <https://omelete.uol.com.br/games/entrevista/omelete-entrevista-lia-wyler-a-tradutora-da-serie-harry-potter/>

língua. O vocabulário que aparece nos livros já faz parte do léxico ativa sociedade e certas palavras como “muggle”, por exemplo, já se usam no vocabulário do dia-a-dia.

Na Tabela 2.3. abaixo podemos ver, e comparar, os nomes de sete livros da série. A tabela diz “inglês (variedade britânica)” porque o título do primeiro livro em inglês (variedade americana) é *Harry Potter and the Sorcerer’s Stone*. A tabela também inclui os títulos nas duas variedades do português. Os títulos que são diferentes entre a variedade europeia e a variedade brasileira são do segundo livro e dos últimos dois. Por esta razão, e por outras razões práticas, no resto da dissertação vão ser usadas abreviações de modo HP (Harry Potter) mais o número do livro na série.

inglês (variedade britânica)	português (variedade europeia)	português (variedade brasileira)	abreviação
Harry Potter and the Philosopher’s stone (1997)	Harry Potter e a Pedra Filosofal	Harry Potter e a Pedra Filosofal	HP1
Harry Potter and the Chamber of Secrets (1998)	<i>Harry Potter e a Câmara dos Segredos</i>	<i>Harry Potter e a Câmara Secreta</i>	HP2
Harry Potter and the Prisoner of Azkaban (1999)	Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	HP3
Harry Potter and the Goblet of Fire (2000)	Harry Potter e o Cálice de Fogo	Harry Potter e o Cálice de Fogo	HP4
Harry Potter and the Order of the Phoenix (2003)	Harry Potter e a Ordem da Fénix	Harry Potter e a Ordem da Fénix	HP5
Harry Potter and the Half-Blood Prince (2005)	<i>Harry Potter e o Príncipe Misterioso</i>	<i>Harry Potter e o Enigma do Príncipe</i>	HP6
Harry Potter and the	<i>Harry Potter e os</i>	<i>Harry Potter e as</i>	HP7

Deathly Hallows (2007)	<i>Talismãs da Morte</i>	<i>Relíquias da Morte</i>
---------------------------	--------------------------	-------------------------------

Tabela 2.3.

Podemos também mencionar o novo, oitavo, livro publicado em julho de 2016, tão bem como os tres livros adicionais. Vale a pena mencionar que eles não vão a fazer parte de análise porque não são tão relevantes para a história principal. O oitavo livro não vai ser incluído só porque os neologismos mencionados nele já existem nos sete livros ‘originais’. O oitavo livro chama-se *Harry Potter e A Criança Amaldiçoada – Parte Um e Dois* (*Harry Potter and the Cursed Child – Parts One and Two*). O livro foi traduzido em português brasileiro por tradutora Anna Vicentini, e em português europeu por Marta Fernandes e Helena Sobral. Além do oitavo livro, existem também três livros acompanhantes: *Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los* ou *Animais Fantásticos e Onde Habitam* (*Fantastic Beasts and Where to Find them*, publicado em 2001), *O Quidditch Através dos Tempos* ou *Quadribol Através dos Séculos* em português brasileiro (*Quidditch Through the Ages*, publicado em 2001) e *Os Contos de Beedle, o Bardo* (*The Tales of Beedle the Bard*, publicado em 2008). Os três livros acompanhantes foram traduzidos em português brasileiro por Lia Wyler, enquanto a Isabel Fraga traduziu “Monstros Fantásticos”, Isabel Nunes “O Quidditch” e “Os Contos” foram traduzidos por Marta Fernandes, exceto para “O Conto dos Três Irmãos” que foi traduzido por Manuela Madureira.

3. INTRODUÇÃO BREVE À TEMÁTICA DE FANTASIA E NEOLOGIA

3.1. TRADUÇÃO DO FANTÁSTICO

Agora podemos focalizar-nos na especificidade da tradução de fantasia. No seu livro *Introduction to Translation Theories* (2015), Nataša Pavlović dedica um capítulo (*Prevođenje fantastike*) à tradução de fantasia. Estes romances são geralmente baseados nas culturas já existentes: no caso de *Harry Potter*, os feiticeiros vivem no mesmo mundo que as pessoas “normais”. Os mundos fantásticos são criados com a base conhecida aos leitores; seria muito difícil inventar algo de absolutamente nada. Pavlović explica que por esta razão muitas vezes temos vários elementos (culturais) que são tirados do “nosso” mundo e aparecem juntamente com conceitos novos e inventados (2015: 83). Os

tradutores tem uma tarefa muito difícil, eles tem que enfrentar estes mundos imaginados, cheios de entidades desconhecidas, e encontrar uma maneira de transferi-las a língua alvo, tendo em conta o facto que a tradução tem que expressar e comunicar o sentido original, mas também que tem que ser em uma forma compreensível e aceiteada pelo público alvo.

As palavras, ou seja, os neologismos têm noções difíceis para entender, às vezes representam coisas desconhecidas às pessoas em geral. A linguagem usada nos livros foi construída e revisada antes de publicações, mas no caso da tradução, o tradutor está sozinho no processo de tomar decisões como é que agir e que fazer. Os textos são corrigidos depois da tradução e antes da publicação, mas geralmente as escolhas do tradutor não se mudam. Algo que lhe ajuda é o facto que com cada livro na série os leitores já têm um melhor conhecimento do mundo e também dos neologismos, eles podem concluir que as palavras significam e até podem fazer relações entre vários neologismos quando eles aparecem.

O processo da tradução é algo muito individual, cada tradutor tem suas próprias ideias e noções, suas decisões e escolhas são sob a influência das outras experiências pessoais. Também vale a pena mencionar que a qualidade de tradução, que é mais uma categoria muito individual e subjetiva, depende não só de críticos, mas também do contexto em que as traduções são feitas. Como diz Juliane House “In order to arrive at an adequate theory of the relation between linguistic expressions and what they express, one must consider the context in which these expressions are used.” (2015:340). Algo que pode ser aceiteado como uma boa tradução numa certa época não vai ser considerado bem feito numa outra, uns anos depois da sua publicação. Existem muitos fatores que decidem se uma tradução é “boa” ou não e um deles é definitivamente o público alvo, algo que se muda com os anos, tão bem como a cultura alvo, é a influência que chega de cultura fonte e o público fonte. É uma ideia geral sobre a tradução que ela seria ideal se permanecer perto da versão original, aproximar-se a ela, imitá-la o quanto mais possível para que os leitores não estejam conscientes do facto que o texto não é um original mas uma tradução. O ideal seria produzir um texto que nos dê a impressão de ser escrito em esta língua originalmente. Tudo isto também tem a ver com o facto, como já foi dito, que estes textos fazem parte do género de fantástica, são textos literários e não informativos, por isso não existem soluções corretas de uma língua para a outra como no caso, por exemplo, de um texto da área de economia ou sociologia. Os autores dos textos literários usam a língua e as palavras para criar certos efeitos, é como se fosse um jogo às vezes, e é a tarefa do

tradutor pensar em e encontrar uma maneira de traduzir e recriar este efeito na sua tradução para que o seu público alvo experiencie o mesmo resultado ou efeito durante o processo de ler e experimentar o texto traduzido. Para citar House, o tradutor (ou a tradutora) “links the text to both its old and its new context, which [she or he] must imagine and unite in his or her mind.” (2015: 343). A tradução é um processo bem criativo e a tradução dos neologismos é como se fosse um nível mais alto da criatividade, algo que não se pode atingir facilmente ou por qualquer tradutor. É importante também destacar que não existe só uma forma ou maneira de traduzir o texto; como já dissemos e elaboramos, as decisões tomadas por tradutor dependem de uma série de fatores. No caso de tradução dos neologismos, é importante que o tradutor identifique os processos empregados pelo autor do texto alvo antes de tomar suas próprias decisões.

3.2. NEOLOGIA

3.2.1. PETER NEWMARK

Peter Newmark refere-se aos neologismos como “o maior problema de tradutores profissionais” (1988:140). Ele é professor de tradução na Universidade de Surrey, Reino Unido, e dedicou um capítulo do seu livro “A Textbook of Translation” (1988) à tradução de neologismos. Newmark define neologismos como “newly coined lexical units or existing lexical units that acquire a new sense” (1988:141). De acordo com o autor, neologismos próprios são palavras desconcertantes ou melhor enigmáticas; são palavras novas que se, quando aparecem pela primeira vez, não podem entender. Os leitores não podem saber o significado sem contexto adicional, não conhecem a origem da palavra, às vezes até não têm certeza como é que ela se pronuncia. Neologismos são formados e criados através de certos processos de formação de palavras. É quase impossível prever se eles vão ser aceitados numa língua, assim perdendo a sua posição de umas palavras novas, ou seja de ser neologismos, ou se vão ser rejeitados e portanto desaparecer. É a opinião de Newmark que nos textos literários, ao contrário de textos não-literários, o tradutor tem “the duty to recreate any neologism he meets on the basis of the source language neologism” (1988:149).

Newmark oferece um quadro de referência para a tradução de neologismos no qual ele apresenta detalhadamente até vinte estratégias possíveis para tratar os neologismos, mas

vamos só apresentar as mais relevantes para esta dissertação. Além de tradução literal, que vai elaborada mais detalhadamente nas estratégias propostas por Pavlović, vale a pena mencionar “transposições” (“transpositions”). De acordo com o autor, uma transposição ou uma troca é uma estratégia de tradução que envolve uma mudança de estruturas gramaticais entre a língua fonte e a língua alvo (1988:88). Por exemplo, a posição do adjetivo em inglês é normalmente antes do substantivo (pre-modificação), enquanto em português, tão bem como nas outras línguas romanas, o adjetivo geralmente chega depois do substantivo (pós-modificação).

Uma outra estratégia mencionada por Newmark é “compensação” (“compensation”). A compensação geralmente ocorre quando “the loss of meaning, sound-effect, metaphor or pragmatic effect in one part of a sentence is compensated in another part, or in a contiguous sentence” (1988:90). Esta estratégia é muito interessante, mas seria melhor usá-la na análise de uma unidade textual (ou um texto fonte) na sua totalidade, por exemplo, escolher só um livro da série *Harry Potter*. Porém, é importante mencionar que há alguns neologismos traduzidos na maneira que poderia ser atribuída ao processo da compensação; isto vai ser mais óbvio na parte da análise. A maioria de outras estratégias propostas por Peter Newmark referem à tradução de textos não-literários e assim não são tão relevantes para esta dissertação.

3.2.2. MARIA TERESA CABRÉ CASTELLVÍ

Maria Castellví é professora na Universidade de Pompeu Fabra de Barcelona. Sua tipologia para a classificação de neologismos inclui os seguintes tipos: neologismos de forma – um grupo que inclui todos os neologismos criados através de qualquer tipo de afixação (sufixação ou prefixação, incluindo também a derivação), composição, abreviação (acrônimo, lexicalização, conversões sintáticas e assim por diante), neologismos sintáticos, neologismos semânticos, préstamos e outros (2006:231).

A primeira categoria refere-se à morfologia, novas palavras são criadas através de várias derivações, adicionando radicais e assim por diante. A categoria de neologismo sintáticos implica uma troca de subcategoria gramatical (gênero ou número por exemplo). Um dos exemplos mais contemporâneos pode ser a nome “Google” que se tornou num

verbo português entre outras línguas e por causa do qual hoje em dia é possível dizer algo como “não conheço este termino, vou guglá-lo”.

A categoria de neologismos semânticos inclui neologismos formados por uma modificação do significado de uma base léxica, por exemplo o substantivo “buscador” usado no campo da informática (2006:233). À esta categoria também pertencem neologismos derivados ou formados a partir de nomes próprios. O grupo de préstamos simplesmente inclui unidades léxicas importadas de outra língua como por exemplo “shopping” ou “sushi”, e o último grupo, o de outros, é usado para todos os casos difíceis para classificar e etiquetar. A autora, porém, destaca que não há uma distinção muito clara entre as categorias, ou seja, entre os processos morfosemânticos, sintático-semânticos e puramente morfológicos (2006:247).

3.2.3. NATAŠA PAVLOVIĆ

As estratégias de Pavlović são simples e claras. A primeira é a “retenção” (“retention” ou “borrowing”) ou seja a manutenção dos neologismos do texto fonte e a sua incorporação no texto alvo. A retenção pode ser direta, quer dizer, a forma do neologismo original não se muda, ele é simplesmente transferido ao texto alvo. Ela também pode ser adaptada, conforme às normas da língua alvo. O benefício ou mérito desta estratégia é que ela mantém o “sabor original”; não mudar os nomes é algo apreciado pelos fãs. Por outro lado, como já foi mencionado, estas palavras muitas vezes têm certas conotações e com a retenção, estas conotações são perdidas a todos que não conheçam a língua fonte. Porém, Pavlović adiciona que este problema pode ser resolvido com a introdução de glossários e notas de rodapé (vamos discutir em mais pormenores depois os problemas que esta proposta pode causar). A escolha da retenção dá ao texto um ar exótico podemos dizer, mas também, ao mesmo tempo, cria um efeito estranho provavelmente, especialmente tendo em conta que os membros principais do público alvo são crianças que provavelmente não conhecem a língua fonte, ou seja, o inglês.

A segunda estratégia chama-se a “tradução literal” (“literal translation”). Usando esta estratégia, o tradutor traduz as partes (as raízes ou os radicais), do neologismo fonte com as palavras da língua alvo. O resultado pode ser uma tradução simples, ou seja, a troca direta de raízes de uma língua com as de outra, mas pode também ser um pouco mais

complexo, resultando em uma nova palavra, diferente do seu original. Ao contrário da primeira estratégia, um benefício desta é que ajuda aos leitores que não falem a língua fonte; o tradutor tenta transferir as conotações da palavra fonte na palavra alvo. Estas soluções podem ser muito bem feitas, mas também é possível que o resultado seja inadequado, estranho e em geral menos favorável, especialmente de ponto de vista dos fãs que, talvez, vão cessar de ler a tradução e ler o texto fonte em vez disso.

A terceira estratégia, a que talvez exija mais criatividade, é o “neologismo próprio” (“neologism proper”), quer dizer, usando o contexto, o tradutor é o que cria, gera e produz uma nova palavra que seja influenciada pela original mas a criação do próprio tradutor e não do autor. Esta solução é a “mais ideal”, corresponde bem com o gênero, é muito criativa e imaginativa. Por outro lado, nem todo tradutor tem bastante criatividade para poder imaginar as soluções, os novos neologismos. É necessário ter certa habilidade e também investir esforço para poder cumprir este objetivo. Um outro problema é que, até depois deste trabalho duro e complicado, os leitores ainda podem rejeitar a solução e dizer que não é boa.

A quarta estratégia é a “substituição” (“substitution”), é uma estratégia bem direta, o neologismo do texto fonte é substituído por alguma outra palavra para manter ou recriar o mesmo efeito no texto sem necessariamente usar um neologismo. Com esta estratégia os leitores tem algo familiar que podem reconhecer, ela pode criar um efeito engraçado no caso de jogos de palavras, trocadilhos ou algo semelhante. Por outro lado, usar esta estratégia pode resultar em incongruência às vezes, se o tradutor usa algum elemento ou alguma palavra da cultura alvo que por qualquer razão seja incompatível com o contexto geral do texto tão bem como o mundo fantástico e fictício. Por isso, é importante que o tradutor faça pesquisas adicionais para que evite estes problemas, mas muitas vezes estas pesquisas adicionais e duras não são possíveis.

Pavlović menciona a possibilidade da “omissão” (“omission”). Em certos casos, o tradutor pode decidir que num certo contexto, a omissão de uma palavra, de um conceito, seria melhor do que criação ou substituição, às vezes acontece que uma solução cria mais problemas do que resolve. Porém, pode ser que Pavlović não incluiu esta estratégia no seu livro por uma razão bem simples – na tradução de textos do gênero de fantasia, o texto quase não pode funcionar sem os neologismos que representam o mundo específico e por

isso, talvez não seja aconselhável usar a omissão como uma estratégia válida na tradução dos neologismos, nem pensar em ela como uma “estratégia”.

Como já é claro, no caso de tradução de neologismos, os tradutores não podem simplesmente consultar o dicionário para solucionar o problema. Eles têm que encontrar uma solução usando várias estratégias, já temos apresentado umas. Claro, é quase impossível criar uma divisão perfeita. Os neologismos nunca se podem dividir em grupos numa maneira fácil, sempre existem casos limítrofes cujas características correspondem aos vários grupos. Por esta razão as estratégias de Pavlović são as que vão ser usadas na parte da análise. Elas são propostas especificamente pela autora para o tratamento de neologismos na tradução da literatura fantástica, ao contrário das soluções propostas por Peter Newmark que podem ser usados para traduções qualqueres e as propostas de Maria Teresa Castellví são complexas mas não tão bem definidas. Parece que as estratégias de Pavlović unem a ideia de simplificação por um lado e claridade por outro, mas ao mesmo tempo oferecendo tudo o que está necessário para uma análise linguística. A sua delimitação simplificada vai servir para a análise do corpus e os casos específicos e limítrofes vão ser explicados adicionalmente.

4. FORMAÇÃO DE PALAVRAS

De acordo com Mário Vilela, “a formação de palavras é um processo importante na constituição do léxico” de qualquer língua (1994:51). “Entendemos por ‘processo’ de formação de palavras o modo como as palavras formadas são constituídas e a respectiva distribuição dos elementos formativos pelos produtos formados” (Vilela, 1994:59). Este domínio da linguística “identifica, descreve e analisa as combinações de morfemas” (1994:52). O léxico, que é um repositório de entidades lexicais, entre os quais se destacam bases, afixos e palavras (1994:51), tem envolvimento múltiplos: várias propriedades da natureza referencial, valores réticos, cargas emocionais e assim por diante, e é nesses que se mais acentua o envolvimento.

Um dos produtos da formação de palavras são neologismos que, tão bem como todos os outros produtos, são muito complexos “na sua constituição denotacional e conotacional” (1994:51). No caso de Harry Potter, as formações de palavras e as mudanças linguísticas foram motivadas pela “criação de novas realidades” que obriga “a

língua a flexibilizar-se de forma permanente” (1994:54). Como diz Vilela, “em cada palavra formada há algo de novo e algo de já conhecido, decomponível apesar das alterações sofridas no percurso derivativo” (1994:55).

Como já temos explicado, a parte essencial na formação de palavras é “a análise e descrição de estrutura externa da palavra, a sua segmentação em morfemas” (Thiele em Vilela, 1994:55). O morfema é uma “unidade significativa mínima” (Cunha, Cintra, 1994:76). É possível distinguir entre os morfemas lexicais, que configuram os denotata extralinguísticos e pertencem a classes abertas, e os morfemas gramaticais, que exprimem funções gramaticais” (Vilela, 1994:56). Também vale a pena mencionar que a posição do morfema, relativamente à base, pode ser a de prefixo (antes de base), de sufixo (depois de base) e de infixos (entre uma base e um morfema preso, ou seja, um morfema “que não se encontra nunca isolado” (Cunha, Cintra, 1994:76)), (Vilela, 1994:57). Como já é óbvio, os morfemas, básicos e derivados, ou lexicais e gramaticais, respetivamente, são os elementos incluídos no processo da formação de palavras. Eles acoplam-se “a uma base e operam uma transposição sintática, alterando, por exemplo, a categoria gramatical e mudança semântica. “Os morfemas lexicais têm significação ‘externa’ porque” se referem a factores do mundo extralinguístico e aos símbolos básicos de que se pode distinguir na realidade (Cunha, Cintra, 1994:76). Os morfemas derivativos ou gramaticais, por outro lado, derivam as relações e categorias levadas em conta pela língua (Cunha, Cintra, 1994:77). Depois desta pequena introdução à fundação do processo da formação de palavras, vamos apresentar alguns processos da formação de palavras mais importantes.

4.1. OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS PROPOSTOS POR VILELA

O primeiro processo que se destaca é a “adição” ou “derivação” que se pode dividir em “prefixação”, “infixação” e “sufixação”. Embora os nomes destes processos sejam bastante auto-explicativos, vamos apresentá-los concisamente. O processo mais comum é a sufixação. De acordo com Vilela, é o “mais fecundo do enriquecimento do léxico do português” (1994:60) e consiste no “acrescentamento de um afixo derivado à base lexical” (1994:60). A prefixação, por outro lado, faz o oposto, ou seja, ela “representa a combinação de prefixo e morfema básico” (1994:60). O processo da infixação não é muito comum e não vai ser discutido nesta tese.

O segundo processo, a conversão, que também é às vezes referida como “derivação imprópria” porque neste processo da formação é implicada “a mudança de categoria de uma palavra de qualquer alteração formal (por exemplo o uso do adjetivo “rápido” como um substantivo “o rápido”).

Agora vamos explicar o processo da derivação regressiva, o quer dizer, o processo que significa que “uma palavra simples pode ser “derivada”, pois tem relação semântica e formal com outras unidades livres” (1994:61). Um exemplo seria a palavra “acordo” de “acordar”. Geralmente, como podemos ver no exemplo, trata-se de formação de substantivos derivados de verbos.

O processo da “composição” é “um processo formativo que resulta da combinação de (pelo menos) dois morfemas, que ocorre como morfemas livres (por exemplo: “guarda-chuva”).

Vilela menciona também processos como o encurtamento, a reduplicação e a siglação mas eles não tem importância direta para esta tese e não vão ser elaborados em mais detalhes. Os processos indicados por Vilela com certeza podem ser divididos em processos mais detalhados, como veremos nos processos indicados por Delahunty ou Newmark, mas vamos usá-los como a base para a nossa análise. O importante é concluir que é óbvio nos processos indicados que o significado “abrange mais do que (ou diferente de) o significado das partes constituintes, os constituintes não são possíveis de mudança de posição, sem se alterar a identidade da unidade.” (1994:62).

Todos os afixos são “mais do que simples marcadores sintáticos, têm um significado e colaboram no significado derivativo global” (Vilela, 1994:65).

A parte do discurso mais marcada pela formação de palavras é a classe de substantivos. Isto refere-se especialmente à neologia e os empréstimos (Vilela, 1994:65). Os substantivos são “o ponto de partida para a nomeação de tudo o que, no mundo real, a tecnologia e o progresso trazem de novo para uma comunidade” (Vilela, 1994:65), e, no mundo de Harry Potter, tudo o que está lá. Vilela apresenta detalhado os processo da formação de substantivos e pormenoriza os sufixos que colaboram na formação de nomes. Suas informações e as propriedades vão ser mais explicados na parte de análise com exemplos concretos dos livros de Harry Potter. Agora só vale a pena mencionar que os substantivos podem ser derivados de:

- 1) verbos para marcar uma ação de verbo e o resultado dele (nomes deverbais) como por exemplo “chamada” do verbo “chamar”), portadores de ação (nomina agentis) como por exemplo “jogador” de “jogar”, e instrumentos como “impressora” de “imprimir”.
- 2) adjetivos (nomina qualitatis ou substantivos deadjectivais). Os substantivos podem ser derivados de adjetivos com bases simples (“crueldade” de cruel), bases derivadas (“musicalidade de “música”) e bases que ocorrem como substantivo (“comunista” e “comunismo”).
- 3) substantivos. Os substantivos de nomina agentis poder admitir a forma feminina, além da forma masculina, realizando a flexão de ‘género’ como por exemplo “jardineira” de “jardineiro”. Podem ser formadas de coisas inanimadas, materiais ou abstratos (“sapataria” de “sapato” e “joelhada” de “joelho” por exemplo). O último grupo são sufixos formadores de apreciativos (aumentativos e diminutivos) como por exemplo “tempão” de “tempo”. É importante mencionar que “os sufixos diminutivos representam um dos traços típicos da língua portuguesa, tipicismo levado até ao extremo no português falado no Brasil” (Vilela, 1994:83). Este facto vai ser mais óbvio na parte de análise.

Embora a “sufixação” seja a parte mais prominente do processo da formação de palavras, a prefixação também tem o seu papel. Em breve, os prefixos “não alteram a categoria gramatical da palavra base” (Vilela, 1994:86). Podem exprimir espacialidade (“hipocentro), temporalidade (“anteontem”), oposição (“contra-argumento”), falta de ou negação (“desilusão), intensidade (“hiper-correção) e o sentido de “no lugar de” ou “de novo” (“neo-realismo”).

Além de sufixação, vale a pena mencionar a “composição nominal”. O seu nome é auto-explicativo, mas o produto, ou seja, o significado de palavra às vezes pode ser “mais ou menos cristalizada” (Vilela, 1994:90). A composição nominal pode ser coordinativa: apresenta entre os seus elementos uma relação copulativa. A grafia contribui para uma imagem visualizada do composto ao socorrerse do hífen. Incluem palavras simples e já complexas. A relação entre os constituintes representa essencialmente uma adição (Vilela, 1994:91). Ela também pode ser subordinativa. Os dois elementos podem ser um verbo e um nome como por exemplo “lava-louça” (o modelo seria “aquilo/aquele que + verbo + objetivo, então “lava-louça” seria aquilo (dispositivo de cozinha) que lava a louça). As outras

categorias incluem combinaçõe nome + adjetivo (e às avessas), nome + preposição + nome, e nome + nome. Os emplos seriam “cinema-mudo”, “sala de jantar” e “peixe-espada”.

O processo da “conversão” refere à “passagem de qualquer classe para o substantivo, implica todas as categorias gramaticais, com maior peso nas formas verbais e adjetivais.” (Vilela, 1994:97). Os substantivos podem resultar de verbos (“dirigente” de “dirigir”) e adjetivos (“o interior” (no sentido de espaço) do adjetivo “interior”).

Vilela também menciona o processo do “encurtamento” ou “abreviação” e da “reduplicação”, um processo usado com “efeitos irônicos, hipocorísticos e pejorativos” (1994: 101).

Os verbos e os adjetivos formam se com os mesmos processos como os substantivos, geralmente através da sufixação e prefixação, mas, como ja temos dito e mostrado, e como vai ser mais óbvio na parte da análise, o foco é posto em neologismos, a maioria deles, se não todos, substantivos.

4.2. OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS PROPOSTOS POR DELAHUNTY E GARVEY

Embora a classificação de Mário Vilela seja bastante clara e detalhada, e os conhecimentos dela vão ser usadas na parte da análise em breve, vamos também mencionar a classificação proposta por Gerald P. Delahunty e James J. Garvey no seu livro “The English Language: From Sound to Sense” (2010).

De acordo com eles, os três processos mais comuns, ou seja, usados com maior frequência, que vai ser mais óbvio depois da parte de análise, são “derivação” (“derivation”), “composição” (“compounding” que pode ser feita por justaposição e aglutinação) e “cruzamento” (“blending”).

O processo de derivação é um processo lexical que significa que palavras novas são criadas de palavras já existentes adicionando afixos derivacionais. Estes afixos são, na maioria dos casos, sufixos, mas às vezes podem ser prefixos. A classe de palavra pode mudar, mas não tem que.

O segundo processo é a composição que geralmente “contain two or more words (or more accurately, two or more roots” (Delahunty e Garvey, 2010:132). Estas raízes são radicais que contêm mais que uma raiz e podem ser escritas como uma palavra (com um hífen) ou duas palavras separadas. O seu significado pode ser mais ou menos transparente das duas partes.

O último processo relevante é o cruzamento. É um processo que inclui “two or more words, removing parts of each, and joining the residues together to create a new word whose form and meaning are taken from the source words.” (2010:137). As duas partes que constroem o novo lexema geralmente são identificáveis.

Os dois autores mencionam outros processos de formação de palavras como “empréstimo” (“borrowing”), “conversão” (“conversion”), “reduplicação” (“reduplication”) que com certeza podem ser notados numa das palavras analisadas, mas a ênfase vai ser posta só nos três processos mais relevantes e usados com a maior frequência.

Como podemos ver, não há diferenças grandes entre as classificações propostas por Vilela e por Delahunty e Garvey. As duas classificações são bastante semelhantes, a única diferença é que a classificação feita por Vilela abrange muito mais detalhes e pormenores, a de Delahunty e Garvey oferece uma visão “light”, ou seja, simplificada, e é por esta razão que a análise vai ser baseada um pouco mais nos conhecimentos de Vilela, embora as duas sejam quase mesmas. Isto conclui a parte do trabalho que trata de informações gerais para que a parte da análise, que vai começar agora, seja mais fácil para seguir.

5. A ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS EM *HARRY POTTER*

5.1. SOBRE O CORPUS

As 23 palavras que fazem parte do corpus foram tiradas dos sete livros principais durante o processo da leitura em inglês e as duas variedades do português. O oitavo livro e os três livros adicionais não foram incluídos diretamente no corpus. Dizemos diretamente porque algumas das palavras que se podem encontrar nos três livros acompanhantes já estão presentes nos sete livros da série também, e o oitavo livro não inclui nada que já não está nos outros livros lidos e analisados.

Não existia uma metodologia especial para a extração das palavras dos livros, a intenção foi extrair quase todas que poderiam ser vistas como neologismos o que tinham qualquer outra característica que seria interessante para analisar e para traduzir para um outro idioma. O número de palavras novas é vasto porque nos livros um novo mundo distinto está a ser apresentado ao leitores. Este número grande de palavras dá nos um material específico para a examinação e é uma oportunidade única para explorar o uso de algumas estratégias de tradução neste contexto.

Depois da extração das palavras, cujo número foi mais de trezentos, só os exemplos mais representativos foram usados, por duas razões: a primeira para mostrar a variação linguística e as possibilidades de manipulação de processos de formação de palavras para criar um certo efeito, e a segunda razão simplesmente refere-se às limitações desta dissertação enquanto a sua extensão, ou seja, o número das páginas. A ênfase foi posta aos vários **objetos mágicos** usados nos livros, tão bem como a tradução de alguns **nomes próprios** que aparecem e são usados nos livros com muita frequência e cuja forma morfológica tem certas significações, ou seja, não é so uma combinação de morfemas, mas também dos seus significados separados que, quando em combinação, criam um novo significado.

5.2 ALGUMAS OBSERVAÇÕES ANTES DA ANÁLISE

A imagem que a tradução de um livro têm nos olhos e na mente do seu público alvo depende de tradutores e das decisões que eles tomaram durante o processo da tradução. No caso da tradução croata dos livros, a imagem é muito boa, as duas tradutoras decidiram evitar os neologismos originais (a simples Retenção) e criaram soluções muito boas. O mesmo não pode ser dito sobre as traduções feitas em português. A versão europeia, como vai ser mais óbvio na parte da análise, inclui muitas palavras originais inglesas que não foram adaptadas ou mudadas de nenhuma maneira. Por outro lado, como já foi mencionado talvez, a tradutora brasileira até traduziu elementos que não teriam que ser traduzidos necessariamente. Ela foi elogiada por suas decisões e criações pela própria autora, mas o público alvo, que, neste caso, faz o grupo mais importante, teve vários problemas com este método feita por Wyler. É claro a todos que o livro está situado no Reino Unido, as personagens têm nomes britânicos e talvez não fosse necessário mudar os nomes, especialmente os nomes das personagens principais cujos nomes usam-se todo o tempo, como no caso do Ron cujo nome mudou-se para Rony. Talvez não fosse necessário mudar estes elementos frequentes porque é claro que a história

não é brasileira e não foi feita a localização total, então estes detalhes pequenos são só estranhos. Um elemento que pode ser conectado com estas decisões que podem ser vistas como desnecessárias é o tempo. Muitas vezes é mais importante produzir uma tradução rapidamente que produzir uma tradução “perfeita”, então, é bem possível que as tradutoras de qualquer variação teriam mudado algumas soluções se tivessem tido mais tempo.

A tradução dos nomes próprios não é necessária, mas se é feita numa maneira boa, pode atrair mais os leitores, aproximar o mundo a eles, e esclarecer alguns aspetos, especialmente porque os nomes geralmente incluem (revelam ou escondem) certos significados que podem ajudar os leitores notar algumas coisas um pouco mais antes que elas sejam reveladas na história. Porém, este argumento não é tão bom porque muitas vezes é difícil ver o que está em frente dos nossos olhos, ou seja, até o público alvo que lê o nome criado originalmente na sua língua, e não traduzido, não nota isto. Por outro lado, é importante mencionar que nos casos quando os nomes não são traduzidos, isto não influencia a fabula ou o enredo significativamente.

É preciso mencionar que os nomes escolhidos para a análise têm algo específico, ou seja, as suas formas originais, alvas, contêm significados importantes para a história e são elementos indicativos de atmosfera dos livros, tão bem como a história do mundo mágico, ou pelo menos marcam umas características que são reforçadas nesta maneira. Isto vai ser mais claro quando chegarmos à parte da análise. Os nomes próprios, embora inventados, não são neologismos reais como os nomes de vários objetivos e ítems mágicos, mas ainda fazem parte da invenção criativa e foram considerados neologismos no entanto. Não foram criadas subgrupos especiais dentro de grupo de objetivos mágicos, mas vale a pena mencionar que o grupo inclui, entre outras, criaturas mágicas – os nomes de algumas delas foram analisadas e explicadas. Como vamos ver, alguns nomes já fazem parte da língua comum, a língua usada no dia a dia, mas ainda são consideradas invenções e marcam coisas novas e desconhecidas.

Como vamos ver na próxima parte, muitos neologismos provêm do latim cujos radicais são conhecidos aos falantes ingleses, mas, mais importante, vão também ser conhecidos para os falantes da duas variações do português cuja origem é exatamente a língua latina.

5.3. NEOLOGISMOS EM HARRY POTTER

Nesta parte da dissertação vão ser analisados os neologismos, de acordo com a definição dada por Peter Newmark, tirados dos sete livros da série *Harry Potter*. Os três processos usados com a maior frequência em inglês na criação destes neologismos são a derivação, a combinação e o cruzamento. Podemos talvez esperar que os mesmos processos vão ser empregados em português, tendo em conta a etimologia das palavras. Essas palavras ainda são “inventadas” e por isso têm significados diferentes e específicos, muitas vezes trata-se de trocadilhos e jogos de palavras nos vários níveis do significado e o tradutor tem que, idealmente, capturar a essência e tentar recriá-la na sua língua, neste caso as duas variedades da língua portuguesa. Vamos analisar em total 23 neologismos que são apresentados na Tabela 5.3.

INGLÊS	PORTUGUÊS EUROPEU	PORTUGUÊS BRASILEIRO
BOGGART	SEM FORMA	BICHO-PAPÃO
GOBLIN	DUENDE (GOBLIN)	DUENDE
THE DAILY PROPHET	O PROFETA DIÁRIO	O PROFETA DIÁRIO
HORCRUX	HORCRUX	HORCRUX
HOWLER	GRITADOR	BERRADOR
THE KNIGHTBUS	AUTOCARRO CAVALEIRO	NÔITIBUS ANDANTE
PENSIEVE	PENSATÓRIO	PENSEIRA
THE QUIBBLER	A VOZ DELIRANTE	O PASQUIM
SNEAKOSCOPE	AVISOSCÓPIO	BISBILHOSCÓPIO
REMEMBERALL	LEMBRADOR	LEMBROL
QUIDDITCH	QUDDITCH	QUADRIBOL
BEATER	BEATER	BATEDOR
CHASER	CHASER	ARTILHEIRO
KEEPER	KEEPER	GOLEIRO
SEEKER	SEEKER	APANHADOR
BLUDGER	BLUDGER	BALAÇO
GOLDEN SNITCH	SNITCH DE OURO (SNITCH DOURADA)	POMO DE OURO
QUAFFLE	QUAFFLE	GOLES
FIREBOLT	FLECHA DE FOGO	FIREBOLT
GRYFFINDOR	GRYFFINDOR	GRIFINÓRIA
HUFFLEPUFF	HUFFLEPUFF	LUFA-LUFA

RAVENCLAW	RAVENCLAW	CORVINAL
SLYTHERIN	SLYTHERIN	SONSERINA
PORTKEY	BOTÃO DE TRANSPORTE	CHAVE DE PORTAL

Tabela 5.3

5.3.1. Howler – gritador – berrador

O significado do neologismo “howler” em Harry Potter é uma espécie de carta mágica, encantada que, quando se abre, grita o seu conteúdo ao seu recipiente. O conteúdo, claro, pode ser ouvido por todos que estejam perto da carta no momento em que ela se abre. Estas cartas geralmente se mandam em casos de emergência, em vez de cartas normais, ou seja, escritas. Por causa do fator da emergência, o conteúdo se grita ao recipiente. A palavra foi construída através do processo da derivação, do verbo inglês “to howl” que significa “dizer algo em voz alta e com raiva” (“to say something loudly and angrily”, OED). O sufixo “-er” foi adicionado para criar um agente, alguém que gera a ação. De acordo com Lieber, este morfema marca um portador de ação, ou seja, designa um instrumento (*nomina instrumenti*). Trata-se de um sufixo nominalizador – quando se adiciona a um verbo, cria-se um substantivo como resultado (Rochelle Lieber, 2004:34). Em português a palavra foi criada na mesma maneira, usando o processo da derivação. A tradutora portuguesa escolheu o verbo “gritar” e criou a palavra “gritador”, enquanto a tradutora brasileira optou por o verbo “berrar” criando então a palavra “berrador”. O sufixo “(d)-or” é muito fértil em português, de acordo com Vilela, ele marca “um portador de ação” ou um instrumento (1994:69). O dicionário lista “gritar” como sinónimo do “berrar”. “Gritar” está mais próximo ao significado original do verbo “howl”, mas “berrar” se aproxima ao significado secundário de “howl”: “emitir (animal bovino ou caprino) o som característico da sua espécie” (Infopédia). “Howler”, “gritador” e “berrador” são todas entidades que produzem um tipo de som alto e ruidoso, e isto é claro aos leitores da forma de cada palavra.

5.3.2. The Quibbler – A Voz Delirante – O Pasquim

O mesmo princípio foi empregado em inglês no caso da palavra “Quibbler”. “Quibbler” é, no mundo de Harry Potter, um tipo de revista impopular e lida só por certos feiticeiros porque os artigos que se podem encontrar nela são, para dizer o mínimo, duvidosos. Trata-se de histórias

tão incrédulas que não podem ser acreditadas nem no mundo mágico. O verbo inglês “quibble” significa “discutir ou reclamar sobre algo insignificante ou pormenores triviais” (“to argue or complain about a small matter or an unimportant detail”, OED). A tradução mais próxima deste verbo em português seria “implicar”, um verbo que tem vários significados diferentes, entre outros “entrar em conflito com” (Infopédia) e não corresponde completamente ao verbo fonte. Tendo em conta o facto que “quibble” não é um verbo comum em inglês, não se usa muito, é claro porque é que as tradutoras escolheram uma outra estratégia. A tradução portuguesa é “A Voz Delirante” que, numa certa maneira, transmite o significado do “quibble”. Este é o método chama-se análise componencial, a unidade léxica foi dividida em componentes de sentido (“sense components”, Newmark, 1988:90) para recrear o significado. A tradutora brasileira acercou-se ao problema numa maneira diferente. A sua tradução é “O Pasquim” significa um tipo de revista ou publicação “que publica calúnias e artigos difamatórios” (Infopédia).⁶ Embora esta solução não seja um neologismo, a palavra já existe e usa-se em português. Em inglês existe a palavra “pasquinade” que significa a mesma coisa (“a satire or lampoon”, OED). “Pasquim” não é uma palavra que se usa muito em português, então tem um ar diferente, não comum que funciona bem com o efeito que a palavra cria no contexto. Todas as soluções marcam claramente um tipo de jornal com histórias incrédulas e por isso atingem o objetivo. A tradução não se refere ao termo original tanto como ao seu referente.

5.3.3. Bludger – bludger – balaço

O “bludger” é uma das bolas usadas no jogo mágico “quidditch”; é uma bola feita de ferro, negra e dura, quase indestrutível, que ataca os jogadores para que os impeça a marcar golos. A etimologia da palavra não é certa, provavelmente provém do substantivo (ou verbo) “bludgeon”, um tipo de vara ou pau que se usa para bater em alguém (ou o processo de bater em alguém com a referida vara) (“a thick stick with a heavy end, used as a weapon”; “beat (someone) repeatedly with a bludgeon or other heavy objects”, OED). As bolas, porque há duas no jogo, são usadas como armas e os “beaters”, ou seja, os jogadores responsáveis pelas bolas, usam paus para batê-las. Na tradução portuguesa, o “bludger”, tão bem como todas as outras palavras relacionadas com o desporto de “quidditch”, não foi traduzido, foi mantido na

6 „O Pasquim” também foi o nome de um semanário alternativo brasileiro de característica paradoxal que teve o papel de oposição ao regime militar.;
<http://library.brown.edu/create/brasiliansa/rare-magazines-and-news-papers/>

forma original inglesa. Vilela nota que o sufixo “-er” aparece em português só em empréstimos de inglês (1994: 68). A tradutora brasileira, de novo, empregou mais criatividade na sua tradução, dedicou-se mais ao estudo da etimologia, morfologia e semântica para criar neologismos em português brasileiro. A sua tradução é “balaço” do substantivo “bala” e o sufixo “-aço”, que se usa em português para criar aumentativos. De acordo com Vilela, o sufixo “-aço” é uma “modificação aumentativa geralmente de perjuração pela potencialização e lixicalização dos semas de valor negativo da base ou valor neutro nomeador de objeto” (1994:81) O emprego do processo da derivação para criar aumentativos e diminutivos através de afixos nominalizadores, geralmente sufixos, é muito comum nas línguas romanas (Lieber, 2004:181), mas quase não existe nas línguas germânicas, especialmente em inglês.

5.3.4. Rememberall – lembrador – lembrol

O “rememberall” é uma bola de vidro que se preenche com gas vermelho quando o seu possuidor tem esquecido algo importante. É claro imediatamente que a palavra original foi criada com o processo da combinação de palavras “remember” e “all”. Porém, a tradução portuguesa não é, por exemplo, “lebratudo” que seria a tradução literal, ou algo similar, mas é “lebrador”. As tradutoras adicionaram o sufixo “-(d)or” ao verbo “lembrar” para criar uma entidade que recorda, ou seja, que faz lembrar. É uma solução boa, o significado da palavra é claro da sua forma, e o sufixo “-or” é muito fértil em português, de acordo com Vilela, ele marca “um portador de ação” ou um instrumento (1994:69). Como não somos falantes nativos da língua portuguesa, podemos só tentar adivinhar porque é que as tradutoras não usaram o processo da combinação, ou seja, o mesmo processo usado no texto fonte. Uma das razões possíveis pode ser que o verbo “lembrar” emprega a preposição “de” e não pode ser usado sem ela. Isto significa que a solução poderia ser “lebradetudo”, que é menos ideal e talvez mais difícil para compreender imediatamente. A solução brasileira, a de “lembrol” usa o sufixo “-ol”, que, de acordo com Vilela tem o significado “cheio de + N” (1994: 104). Neste caso talvez o “rememberall” não é o que faz lembrar, mas algo cheio de lembranças.

5.3.5. Firebolt – Flecha de fogo – Firebolt

O “Firebolt” é a melhor e a mais rápida vassoura do mundo, dada ao Harry por seu padrinho Sirius Black para o Natal em HP3. Foi traduzido em português como “Flecha de Fogo”;

notamos que não foi empregado o processo da combinação. A palavra “flecha” concorda com um dos significados da palavra “bolt” em inglês: “a short heavy arrow shot from crossbow” (OED). O substantivo “bolt” também pode significar “relâmpago”, ou seja, “flash of lightning” em inglês (OED) e talvez possamos dizer que se trata de uma sorte de compensação de lado de tradutoras: há semelhança na pronúncia entre as palavras “flecha” e “flash”. A segunda raiz, “fogo” é simplesmente uma tradução literal, de acordo com Pavlović. A tradutora brasileira neste caso decidiu não traduzir o neologismo e manter a forma original.

5.3.6. Portkey – botão de transporte – chave de portal

Um “portkey” é qualquer objeto encantado por um feitiço cujo objetivo é servir como um meio de transporte para um local pré-determinado. Pode talvez ser óbvio que o radical “port” vem de palavras inglesas “teleport” ou “transport”, especialmente porque a função do objeto é transportar ou até quase teleportar feitiços a uma destinação, enquanto o radical “key” é simplesmente algo que habilita alcançar este objetivo. Porém, de acordo com as informações no site “Harry Potter Wiki”, o radical “port” provém do verbo francês “porter” (“levar”), enquanto a palavra “key” significa “um segredo ou truque”. Isto é interessante semanticamente porque os “portkeys” geralmente são objetos comuns, normais, que não chamem atenção para que não sejam tirados por pessoas não-mágicas. As duas traduções portuguesas são “botão de transporte” (português europeu) e “chave de portal” (português brasileiro). A tradutora europeia optou por o lexema “botão”, que poderia ser traduzido para o inglês como “button” ou “switch”, palavras usadas mais no campo da tecnologia hoje em dia, enquanto a tradução brasileira é “chave” (“key”) que funciona melhor. Ambas as versões incluem lexemas que tem a ver com transporte e teleportação (“transporte” e “portal”), mas a versão brasileira (“chave de portal”), que é uma tradução literal ou semi-literal da palavra “portkey”, é mais prática e próxima do que “botão de transporte”. O significado primário da palavra, depois de “peça que se usa para apertar o vestuário” (Infopédia), é “comando de um mecanismo ou de um aparelho elétrico” (Infopédia), tão bem como em inglês: “small device on a piece of electrical or electronic equipment which is pressed to operate it” (OED). Tirando a solução do seu contexto, o leitor poderia não relacionar “botão de transporte” com o mundo mágico de Harry Potter, mas com algo completamente diferente, um mundo de ficção científica, desenvolvimento tecnológico e assim por diante. A imagem

mental na mente de leitores pode ser a de um aparelho eletrônico que, quando apertado, teleporta coisas a um destino diferente. Esta imagem está em discordância com o mundo mágico e pode, por esta razão, ser vista como uma má decisão por parte da tradutora. A versão brasileira, ajuda os leitores, especialmente os que não conhecem a língua fonte a obter uma ideia de objeto.

5.3.7. Knightbus – Autocarro Cavaleiro – Nôitibus Andante

A próxima palavra é o “Knightbus”. O “Knightbus” é um tipo de veículo, um autocarro mágico de três andares, que serve como um transporte de emergência para feiticeiros e bruxas perdidos que precisam de ajuda. A palavra original é muito interessante para investigar nos vários níveis linguísticos. No nível da fonologia, trata-se de um jogo de palavras inglesas, os homófonos “knight” e “night”. No nível morfológico, trata-se de um cruzamento de palavras ou seja radicais “knight” e “bus”, e no nível de semântica, o significado da palavra “night” refere-se ao autocarros em Inglaterra que se usam durante a noite quando o transporte regular está fora de serviço, e da palavra “knight” que tem a conotação de resgate ou salvação (J.K. Rowling, *Pottermore*). Todos estes aspectos diferentes juntam-se para criar o significado da palavra “Knightbus” e por essa razão a sua tradução e criação numa outra língua qualquer, neste caso as duas variedades de português, não é fácil. A solução europeia é “Autocarro Cavaleiro”. A palavra “cavaleiro” segue depois do substantivo “autocarro” e tem a função de adjetivo, como é comum em português. Esta tradução é uma tradução literal e não inclui a conotação da “noite” da palavra do texto fonte. A tradução brasileira é muito interessante. A palavra “Nôitibus Andante”, é um cruzamento de “noite” e “ônibus”, a palavra brasileira para o “autocarro”. O cruzamento está seguido por adjetivo “andante”. O use deste adjetivo reforça o significado e põe a ênfase no facto que este autocarro nunca está fora de serviço, ou seja, que sempre está a andar por todo o lado para que ajude todos os feiticeiros perdidos.

5.3.8. Sneakoscope – avisoscópio – bisbilhoscópio

Quando falamos da compensação, um dos processos mencionados e ilustrados pelo Peter Newmark, vale a pena ver a tradução do neologismo “sneakoscope”. Um “sneakoscope” é um objeto, ou seja, um instrumento pequeno que começa a girar quando sente a presença de magia negra ou de qualquer usurpador ou intruso. A palavra é um cruzamento de verbo inglês

“sneak” (andar furtivamente), algo que intrusos fazem com frequência, e o sufixo grego “-scope”, que se usa para criar palavras que denotam “instrumentos usados para inspeção” (“an instrument used for viewing or examination”, OED). O -o- entre o radical e o sufixo pode ser considerado um infixado adicionado para que a palavra seja mais fácil para pronunciar em inglês, mas isto não é muito comum na língua inglesa, inglês não tem infixos próprios de mesma forma que não existem nele aumentativos. As duas traduções de “sneakoscope” são “avisoscópio” do verbo “avisar” e “bisbilhoscópio”, do verbo “bisbilhotar”. É claro que a palavra fonte e as duas traduções tem em comum – o sufixo -io, que exprime a ideia de conjunto (Infopédia). É provável que as palavras sigam a analogia de palavras como telescópio, periscópio e assim por diante, mesmo como em inglês onde há o sufixo “-scope”. mas o que é mais interessante é a escolha da palavra; em vez de verbos como “furtar” ou “esqueirar”, as tradutoras optaram para “avisar” e “bisbilhotar”. A versão europeia, “avisoscópio” faz sentido no nível semântico, trata-se de um instrumento que se serve para avisar o seu possuidor de algo ou alguém estranho. Porém, a tradutora brasileira escolheu o verbo “bisbilhotar”, cuja definição é “ver o que se passa e ir contar” (Infopédia). É bem interessante mencionar o facto que, no nível fonético, o verbo “bisbilhotar”, pronunciado /bɛzbiˈluˈtar/, cria um som similar ao som de sussuro ou murmúrio. A palavra “bisbilho” em português brasileiro tem o significado da palavra “susurro” (Infopédia). O efeito similar existe na palavra fonte com o som “esse”. Seria melhor analisar o texto interio para poder chegar a mais conclusões, mas provavelmente podemos concluir que isto é um dos exemplos de compensação.

5.3.9. Pensieve – pensatório – penseira

O “pensieve” é uma tigela mágica que serve para guardar memórias numa forma líquida, as memórias podem ser vistas na tigela como se fosse um filme. O neologismo fonte é um cruzamento do adjetivo inglês “pensive” (“pensativo”), que é também o seu homófono e que significa “absorto em pensamentos” (“engaged in deep or serious thought”, OED) e a palavra “sieve” (“peneira”), um instrumento por com o fundo em trama de metal por onde passa uma substância (“a utensil consisting of a wire or plastic mesh held in a frame, used for straining solids from liquids”, OED, Infopédia). Ou seja, a palavra “sieve” não faz parte da palavra fonte, trata-se, de acordo com a autora, de um jogo de palavras porque a palavra “sieve” é pronunciada na mesma maneira como a última ou segunda parte da palavra “pensive” (J.K.

Rowling, “Hogwarts: An Incomplete and Unreliable Guide”, 2016). “Pensive” é provavelmente derivado da palavra francesa “penser”, cuja origem é da palavra latina “pensare”. Como português também é uma língua romana, o verbo “pensar” foi usado como a base dos neologismos portugueses. As duas soluções são “pensatório” e “penseira”. A segunda parte de palavras é feita por dois sufixos diferentes mas com o mesmo significado: “-orio” e “-eira” são sufixos produtivos e referem-se aos lugares onde algo acontece, mas também às pessoas e aos objetos. De acordo com Vilela, o sufixo “-eira” pode servir para designar “o nome de agente” (1994: 70). As formas criadas através da derivação são “orientadas ao objeto” (“object-oriented”, Liber, 2004:75), como os sufixos “-or” e “-er” em inglês que discutimos no início da análise. “Pensatório” pode referir-se a um objeto que guarda pensamentos e memórias de uma pessoa, mas também o lugar onde isto acontece. De acordo com Vilela, o sufixo “-(t)ório” exprime a ideia seguinte: “cheio de/rico em + N” (1994:104). Semelhantemente, “penseira” pode indicar o lugar, de mesma forma como “formigueiro” indica uma construção feita pelas formigas onde elas se recolhem (Infopédia), mas também pode indicar uma pessoa ou um objeto na mesma maneira como “costureira” significa “uma mulher que costura por profissão” (Infopédia). A escolha entre os dois sufixos provavelmente tem a ver com as preferências de português europeu e português brasileiro respetivamente, e é algo que não vai ser discutido nesta tese.

5.3.10. Horcrux – horcrux – horcrux

Uma outra palavra que vamos analisar é o “horcrux”, um objeto mágico cuja função é guardar uma parte de alma de um feiticeiro mau. A etimologia deste cruzamento não é completamente certa, mas existem várias possibilidades que vamos discutir. Como no caso do neologismo “pensive”, a palavra “horcrux” também pode “provir” da palavra francesa “dehors” que significa “fora de” e “crux” cujo significado é “alma” (*Harry Potter Wiki*). Uma outra explicação possível é que o neologismo é um cruzamento da palavra inglesa “hor(e)”, significando “impureza” e a palavra “crux” que significa “recipiente” ou “vaso”. Porém, a solução mais provável desta questão difícil é que se trata de um cruzamento do adjetivo inglês “horrible” (“horrível”) e o substantivo latim “crux” ou seja “cruz”. A autora nunca comentou sobre a origem deste neologismo e por isso não se sabe com certeza que seria a solução ou a combinação correta. A palavra não foi traduzida na maioria das traduções dos livros nas línguas mundiais, só as traduções holandesas e chinesas tem soluções específicas que diferem

de pura adaptação de “horcrux” a qualquer língua alvo. No caso de português, logicamente, a palavra foi retirada diretamente. A adaptação não foi necessária porque a palavra pode ser pronunciada sem problemas em português e está de acordo com as normas e regras dele. Isto significaria que o ato de fazer os “horcruxes” é uma cruz horrível para suportar. Então, se dizemos que “horcrux” é um cruzamento da palavra inglesa “horrible” significando “monstruoso”, “vil” e “cruel”, que está de acordo com o ato de divisão ou partilha da alma, e o substantivo “cruz” ou “cruz”, que quase com certeza absoluta tem que ser correto porque a palavra é similar na maioria das línguas Indo-européias, umas soluções “mais portuguesas” poderiam ser “horcruz” (ou “horrcruz) ou até “horrocruz”, um cruzamento de “horrível” e “cruz”. Neste caso, como podemos ver, a forma da palavra é mais ou menos mesma como a palavra fonte nos níveis da fonologia, morfologia e semântica, e também é consistente com as outras traduções e criações feitas pelas tradutoras portuguesas e brasileiras.

5.3.11. Quidditch – quidditch – quadribol

A palavra talvez mais interessante não só do corpus escolhido para esta análise, mas do mundo do *Harry Potter* em geral deve ser o neologismo “quidditch”. O “quidditch” é um tipo de desporto mágico, provavelmente o mais popular entre todos, que se joga usando vassouras e quatro bolas específicas. No jogo há duas equipas, cada equipa tem sete membros ou jogadores e cada jogador joga só com uma das bolas. O terreno onde o jogo ocorre tem formato oval, ele também possui de cada lado tres aros ou argolas que servem como golos. Como podemos ver desta pequena descrição, o jogo parece bem complicado e é necessário usar muitas palavras para descrever os pormenores dele, seria mais fácil mostrar tudo na prática. Por essa razão, a tradução da palavra “quidditch” é muito importante nas traduções da série em outras línguas estrangeiras. As soluções portuguesas são “quidditch” e “quadribol” respetivamente. Como é óbvio, a tradutora portuguesa decidiu não traduzir o neologismo e manter a mesma forma. Isto, claro, não é ideal. A única vantagem desta escolha é o facto que os leitores portugueses estão na mesma situação como os leitores ingleses – ninguém sabe imediatamente do que se trata exatamente. Nem a personagem do Harry Potter conhece o desporto antes de ter o explicado a ele pela personagem do Oliver Wood, o capitão da sua equipa. Uma das teorias dos fãs é que a palavra “quidditch” está composta das letras das quatro bolas usadas no jogo – o “qu” de “quaffle”, dois “d-s” de “bludger”, porque se usam dois no jogo, e o “itch” da última bola que é o “snitch” (Language Realm). Embora o último

facto seja só uma ideia é não se sabe se a autora criou o nome nesta maneira ou não, podemos entender, com todos estes detalhes e, até podemos dizer, complicações, as razões atrás da decisão da tradutora portuguesa para manter o nome original, não só do nome do desporto, mas também das quatro bolas e as posições dos jogadores. A situação está bem diferente no caso da tradução feito por tradutora brasileira Lia Wyler. A sua tradução é o neologismo “quadribol”. Esta solução funciona bastante bem; trata-se mais uma vez de um cruzamento. O elemento “quadr(i)”, de acordo com o dicionário da língua portuguesa é um “elemento de formação de palavras que exprime a ideia de *quatro, quádruplo, quatro vezes, quadrado*” (Infopédia). Claro, isto se refere ao facto que há quatro bolas no jogo; o segundo elemento, o “bol” provém da palavra “bola” que foi encurtada ou abreviada provavelmente por razões da pronúncia. É mesma analogia usada nas palavras portuguesas como andebol, basquetebol, futebol, etc. A tradutora não parou aqui, ela decidiu traduzir todas as palavras relacionadas ao desporto. As bolas já foram mencionadas e explicadas num dos parágrafos anteriores, mas agora podemos analisar em breve as posições no jogo. Existem quatro posições específicas – três “chasers”, dois “beaters”, um “keeper” e um “seeker”. Como podemos ver destas palavras, todas foram criadas usando o processo da sufixação, ou seja, a autora decidiu usar o verbo inglês que descreve o ato que cada posição presume e criou o agente de ação com o sufixo –er. Este mesmo processo podia ser reduplicado no caso de português. Embora as soluções portuguesas sejam só tiradas do inglês, as traduções brasileiras usam o mesmo princípio.

5.3.12. Chaser – chaser – artilheiro

O neologismo “chaser” foi recriado como “artilheiro”. Os três “artilheiros” atiram a sua bola para marcar golos. Aqui se trata de uma simples derivação ou sufixação com o sufixo –eiro que marca um pessoa, um agente da ação (ou “nome de agente”, Vilela, 1994:70). O mesmo princípio está válido para a próxima solução, a tradução do neologismo “keeper” como “goleiro”.

5.3.13. Keeper – keeper – goleiro

O “goleiro” não é necessariamente um neologismo, é uma palavra que se usa no português brasileiro regularmente para o jogador está de guarda do golo. A palavra do português

européu seria o “guarda-redes”. Embora o “goleiro” não seja um neologismo, a palavra marca exatamente que o “keeper” faz no jogo de “quidditch”, e isto ajuda a imagem mental criada na mente de leitor. As próximas duas palavras são “batedor” para o “beater” e o “apanhador” para o “seeker”.

5.3.14. Beater – beater – batedor; Seeker – seeker - apanhador

Semelhantemente ao caso de “goleiro” e “artilheiro”, aqui também podemos notar o processo da derivação mas com o uso do sufixo “-(d)or”, que já mencionamos como o equivalente do sufixo inglês “-er” que marca o agente, o gerador ou portador de ação (Vilela, 1994: 69), neste caso as ações são a de bater, que os “batedores” usam uns paus de madeira, tacos ou bastões para bater os “bludgers” para que eles impedam os jogadores da equipa adversária de marcar golos, e a de apanhar, que é a ação mais importante no jogo porque o “seeker” ou o “apanhador” tem que apanhar ou agarrar a bola que se chama o “snitch” para que a sua equipa ganhe o jogo ou, mais importante, para que o jogo termine. Como vimos desta pequena análise, o mesmo podia ser feito no caso da tradução em português europeu. Esta solução seria com certeza mais sucesso do que a decisão de manter os neologismos originais porque, como já temos dito, nem todos os leitores conhecem a língua fonte e por essa razão os neologismos, só uma das coisas estranhas e novas no mundo mágico e desconhecido, vão simplesmente tornar mais difícil a compreensão do livro e da história.

5.2.15 Quaffle – quaffle – goles

O “quaffle” é uma bola vermelha de tamanho de uma bola de futebol, que usam os “chasers” para marcar golos, cada golo vale 10 pontos. A etimologia da palavra não é certa, pode ser que se trata de um substantivo feito do verbo inglês “quaff” (Language Realm) que significa “beber em largos goles, beber a grandes tragos” (Infopédia). O verbo implica algo que se faz de uma só vez, que sugeriria o ato de fazer algo forçadamente, como tentar lançar o “quaffle” dentro de três argolas. Como no caso do “bludger”, o grupo das tradutoras portuguesas decidiu manter o nome original na tradução europeia. A tradutora brasileira traduziu o neologismo, a sua solução é a palavra “goles”. De acordo com o dicionário, a palavra “goles” pertence ao campo da heráldica e refere-se à cor vermelha nos brasões. Isto está de acordo com o cor da bola que realmente é vermelha. Também, a palavra “goles” funciona como a

forma plural do substantivo “gole” ou seja “trago”, que podemos relacionar com a definição original do verbo inglês “quaff”.

5.3.16. Snitch – snitch (dourada) – pomo de ouro

A bola mais importante num jogo de “quidditch” chama-se o “snitch” ou o “golden snitch”. O nome original é conectado ao verbo inglês “snatch” – “agarrar” ou tentar de agarrar, que é exatamente que o jogador na posição do “seeker” faz (Language Realm). Também, podemos mencionar que e o verbo inglês “snitch”, que tem a mesma forma como o nome usado para a bola, também sugere o ato de roubar ou agarrar algo furtivamente, às escondidas, que é a tarefa do “seeker” que não importam outras bolas, ele ou ela só tem que voar na sua vassoura, evitar outros jogadores que tem suas tarefas, e tentar encontrar o “snitch” antes do “seeker” da equipa adversária. Como no caso das outras bolas, e esta foi retirada diretamente do inglês na tradução europeia – o “snitch de ouro” no primeiro livro e o “snitch dourada” nos outros. Porque os verbos ingleses “snitch” e “snatch” são mais práticos que os seu equivalentes portugueses, a tradutora brasileira optou por uma outra estratégia. Usou a paráfrase ou ate análise componencial para recriar o neologismo. A sua solução foi “pomo de ouro”, que é uma boa escolha porque, ao contrário das outras duas bolas, o “snitch” e muito pequeno, cabe na palma da mão, é quase invisível, move-se muito rápido e aleatoriamente pelo estádio e muito difícil para ver e agarrar. Parece um pomo dourado com asas. Um facto interessante desta escolha é que o pomo dourado aparece nas muitas lendas e contos de fadas: “os heróis devem rasgar a maçã escondida ou roubada pelos vilões” (Wikipedia). Esta conotação de “pomo de ouro” como algo puro que tem que ser salvado está de acordo com o contexto de jogo, a equipa adversário pode ser vista como o grupo de vilões e o embora eles não tenham a bola, “seeker” ainda tem que encontrá-lo antes que o seeker adversário. Isto podemos relacionar à estratégia de “substituição” da Pavlović, a tradutora usou um elemento cultural para substituir o elemento original sem causar incompatibilidade ou incongruência.

Como já temos visto, na tradução brasileira existe mais esforço do lado da tradutora. Um caso bem interessante é a tradução dos nomes dos quatro casas da escola do Hogwarts. Os nomes originais das casas são “Gryffindor”, “Slytherin”, “Ravenclaw” e “Hufflepuff”, e as versões brasileiras são “Grifinória”, “Sonserina”, “Corvinal” e “Lufa-Lufa”.

5.3.17. Slytherin – Slytherin – Sonserina

Cada casa da escola tem algumas características e existe a crença que os membros da cada casa, os estudantes, possuem estas certas características. As palavras principais para descrever um Slytherin são ambição, destreza, astúcia, liderança e até extremismo. Como é óbvio destas palavras, os membros não são geralmente percebidos como pessoas “boas” e a casa de “Slytherin” é a mais odiada. Podemos notar do nome original que os Slytherins são “sly” ou seja, em português, manhosos e maliciosos. Também, a autora usou adjetivo “sly” como um homónimo do verbo “slither” (“escorregar” em português) que se usa para descrever o movimento de uma serpente, que é o símbolo da casa “Slytherin”. No nome brasileiro, “Sonserina”, também podemos notar um cruzamento do adjetivo sonso – “que finge ingenuidade, dissimulado” (Infopédia), que é uma substituição ou como se fosse um equivalente do adjetivo original. A segunda parte de cruzamento pode provir de mais um adjetivo, esta vez, o adjetivo “serpentino” ou a forma feminina, “serpentina”, de serpente, como o símbolo principal da casa. Vale a pena também mencionar uma outra coisa bem interessante, o facto que na solução “Sonserina” existe aliteração da consoante “s”, que cria na pronúncia da palavra um som de do silvo, como uma serpente própria. A casa é também conhecida por ter membros maliciosos que tem segredos, então podemos do mesmo modo notar que a aliteração parece a imitação não só de serpentes astutos, mas também do sussuro e divulgação de segredos importantes. Um facto interessante é que o fundador da casa “Slytherin” chama-se Salazar Slytherin e que a autora Rowling foi inspirada pelo ditador português António de Oliveira Salazar, porque ela vivia em Portugal por um tempo. O sufixo “-ina” só aparece no Dicionário da Língua Portuguesa (7ª edição) como “sufixo nominal de origem latina que ocorre em substantivos que designam substâncias químicas, farmacêuticas ou industriais; 1994:1003) e por isso não serve para esta análise.

5.3.18. Gryffindor – Gryffindor – Grifinória

“Gryffindor” é a casa mais importante do ponto da vista dos leitores, ou seja, é a casa de Harry Potter, Ron Weasley e Hermione Granger, as três personagens principais dentro da série. Há várias teorias da origem deste nome, mas a mais provável é que aqui se trata de um cruzamento das palavras “gryphon” (outras variações possíveis são “griffin” e “griffon”), “uma criatura lendária com cabeça e asas de águia e corpo de leão” (Wikipedia), e palavra “dor” de inglês antigo que tem o significado da palavra “door”, ou seja “porta grande, portão”

(Infopédia). Uma outra possibilidade para a segunda parte do nome, é a palavra francesa “d’or”, “de ouro” ou “dourado” em português. Isto se pode relacionar com o facto que o símbolo da casa “Gryffindor” é um leão dourado, e que as cores da casa são vermelho e dourado. Existe também na mitologia grega um tal Grifo de Ouro, um animal que tem o corpo de leão e só as asas de águia (Wikipedia), que é muito similar as brasões históricos europeus, especialmente ingleses, com leões dourados que frequentemente têm asas grandes. A versão brasileira do nome da casa é “Grifinória”. É muito óbvia a origem do nome, a tradutora usou a como a base o “griffin” que em português chama-se “grifo”, é o sufixo nominal “-ória” (de “-ório), que tem a origem latina e traduz a ideia de um lugar. Isto é um pouco problemático porque não existe um “lugar” ao qual o nome se refere, “Gryffindor” foi o sobrenome do Godric Gryffindor, um dos quatro criadores ou fundadores do Hogwarts, escola da magia. É possível que a tradutora queira marcar com a sua solução, a ideia da sala comum da casa “Gryffindor”. Uma outra solução é que ela quis imitar o nome original, a palavra francesa “or”, que, além de ser um substantivo também funciona como um adjetivo, e o sufixo nominal “-ia” que “ocorre em substantivos abstratos e derivados de adjetivos e que traduz a ideia de *qualidade*” (Infopédia). Isto quer dizer que o nome “Grifinória” significa “de Grifo (dourado)”. Os alunos, ou melhor, os membros, da casa são corajosos, valentes, audazes, e são famosos por seus atos de ousadia e cavalheirismo, ações vistas por alunos de outras casas como desnecessárias. Estas características estão de acordo com as qualidades dos Grifos, especialmente Grifos dourados e valientes.

5.3.19. Ravenclaw – Ravenclaw – Corvinal

Este nome é provável o mais fácil para decifrar. O “raven” é o substantivo inglês para o “corvo”, e o equivalente português do substantivo “claw” é “garra”. Trata-se de um simples cruzamento de dois substantivos. A tradução brasileira é semelhante, o nome é “Corvinal”, uma derivação ou melhor sufixação nominal do substantivo “corvo” e o sufixo “-al”, que é um “sufixo nominal, de origem latina, que ocorre em adjetivos derivados de substantivos e exprime, sobretudo, a ideia de *semelhança, relação, causa*” (Infopédia). De acordo com Vilela, o sufixo “-al”, que tem muitas significados, pode aqui exprimir a ideia de “conjunto coletivo perspectivado unitariamente” ou “a corporização de algo que tem a ver com a profissão, ideologia ou religião” (Vilela, 1994:76). Seguindo esta explicação ou definição, podemos concluir que o nome “Corvinal” significaria algo como “de corvo”, algo que provém

de corvo, tem características dele e que designa um grupo que pertence a isto. Podemos também notar que a parte da “garra” não foi incorporada na tradução brasileira, mas é por um lado óbvio que o “claw” no nome original não tem um significado especial, ou seja, que não contribui ao significado geral do nome. Os alunos e os membros da casa “Corvinal” ou “Ravenclaw” são mais conhecidos por sua inteligência, isto explica o facto que tem o corvo como o seu símbolo – eles são “dotados de um aparato cognitivo capaz de lhes propiciar diversas ações que podem ser compreendidas como sinais de inteligência” e atingem altas pontuações em testes específicos de inteligência animal (Wikipedia). Podemos até dizer que a tradução brasileira está mais de acordo com a ideia da casa “Ravenclaw”, “de corvo”, um animal inteligente, que o nome original que pode ser parafraseado como “garra do corvo” que é menos entendível que o equivalente brasileiro e põe a ênfase em “garra” que, nem no mundo mágico, não é, ao contrário de, por exemplo, pé de coelho, considerada um amuleto de sorte existente, e a imagem mental que os leitores podem ter depois de encontrar o nome, não é tão relevante.

5.3.20. Hufflepuff– Hufflepuff – Lufa Lufa

A última casa, a que se menciona o menos nos sete livros, é o “Hufflepuff”. Parece que o nome desta casa não tem uma etimologia como os outros três nomes, ou seja, não é óbvio qual seriam as partes que juntos fazem o nome “Hufflepuff”. A única explicação que foi encontrada é que o nome talvez possa provir da frase inglesa “to huff and puff” que significa “trabalhar muito ou incansavelmente”. Temos que mencionar que esta explicação não foi confirmada pela autora e isto é só uma suposição. O que podemos ver é que a frase “to huff and puff” é uma frase onomatopeica, “to huff” e “to puff” são verbos ingleses que tem a ver com a respiração difícil causada por trabalhar muito e duro. Os alunos e os membros da casa “Hufflepuff” são conhecidos, entre outras coisas, por ser muito esforçados e trabalhadores. Se acreditamos que o nome usa para sua vantagem a onomatopeia, o seja, o nível fonético da linguística, a solução brasileira, que é “Lufa-Lufa”, tem sentido também. Por um lado, é uma repetição, ou como a chama Vilela, “reduplicação”, que cria um certo efeito interessante, ”, um processo usado com “efeitos irônicos, hipocorísticos e pejorativos” (1994: 101). Também, ao nível da fonética, até põe a ênfase ao som “f”, como o nome original. Por outro lado, trata-se de uma frase que já existe na língua portuguesa é que significa “grande

pressa, azáfama” (Infopédia), ou seja, imita a ideia da atmosfera do trabalho e vida hética, que está de acordo com a característica principal da casa “Hufflepuff”.

Nem todas as soluções das tradutoras portuguesas e da tradutora brasileira são ideais. Como temos visto na classificação feita por Pavlović, cada estratégia tem suas vantagens, mas também, talvez mais importante, tem suas desvantagens. Uma das estratégias que parece a melhor para usar mas tem certas consequências é a estratégia da “Substituição”. Parece muito fácil substituir uma palavra ou um elemento cultural com um outro que seria mais conhecido ao público alvo, mas é importante ter em conta o contexto do texto fonte, a cultura fonte e outras características para evitar incongruência. Muitas vezes não se pode substituir um elemento ou uma palavra fonte com algo da cultura e língua alvo, embora seja mais entendível para o público alvo, porque esta substituição vai causar problemas no texto em total. Um exemplo disto é a tradução ou a substituição do substantivo “boggart”.

5.3.21. Boggart – sem forma – bicho papão

No mundo de Harry Potter, um “boggart” é uma criatura que não tem forma concreta, ele transforma-se, muda a sua forma de acordo com o susto ou o medo maior da pessoa que se encontra em frente dele. Se a pessoa que está em frente tem medo de aranhas, ou teme serpentes, o “boggart” vai transformar-se exactamente em estas coisas, ou animais neste caso. É uma forma do ataque, como ele defende-se. Quando não está a atacar, um “boggart” tipicamente está escondido num lugar escuro, um armário por exemplo. Os boggarts existem na mitologia inglesa, porém, nela, eles são criaturas diferentes, tem certa aparência, não se transformam e não mudam o seu aspeto exterior, podem viver dentro de casas, mas também fora delas, e a sua “tarefa” é fazer coisas mas – eles até podem raptar crianças (Wikipedia), enquanto os boggarts de J.K. Rowling simplesmente são espíritos que vivem em armários e assustam as pessoas transformando-se nos seus medos. Então, é possível concluir que a autora emprestou o nome e a ideia geral, mas só os usou como a base para a sua criatura. Concentrando nas traduções feitas em português, temos duas soluções: “sem-forma” e “bicho-papão”. A solução “sem-forma” encontra-se nas traduções europeias. Como podemos ver, trata-se de uma certa paráfrase ou análise componencial da palavra original. Esta solução na verdade é muito boa porque não existe uma criatura equivalente, nem um nome que seja o equivalente do “boggart” em português. Não seria bom deixar o nome original da criatura na tradução porque ele não significaria nada para o público alvo. “Sem-forma” e quase como se

fosse uma descrição do “boggart”, o nome é curto e claro e, como é sempre usado só como um substantivo, e não há adjetivos ou verbos, é fácil usá-lo em qualquer situação. Por outro lado, a solução brasileira “bicho-papão” parece melhor, mas vamos ver porque é que não é. O “bicho-papão” ou o/a “coco”, “papa-gente” ou só “papão” é uma criatura ou “um ser imaginário das mitologias infantis portuguesa e brasileira” e está também conhecido e presente no resto da península Ibérica (Wikipedia). A sua função principal é devorar crianças. Em Portugal até existe uma antiga cantiga de embalar: “Vai-te papão, vai-te embora / de cima deste telhado, / deixa dormir o menino / um soninho descansado”. O nome “papão” provém do verbo português “papar” ou seja “ingerir (alimento), comer, devorar” (Infopédia) e o “bicho” tem a ver com o facto que o “bicho-papão” muitas vezes é apresentado como um animal de aspecto monstruoso. É óbvio que a tradutora brasileira usou o nome de uma criatura, ou de um ser, já conhecido na cultura alvo, semelhante ao “boggart” do texto fonte, mas sem muito sucesso. Os leitores da tradução, o público alvo, conhece a sua cultura, os seus costumes e também as suas lendas e “bestas”. Eles vão ter na mente um ser cuja função principal é devorar crianças desobedientes, enquanto, na verdade, o ser “original”, imaginado e criado pela autora da série, é algo totalmente diferente, até é definido como um “non-being” ou seja um “não ser” que serve para assustar as pessoas que o perturbam. Aqui podemos ver porque é que o tarefa de tradutores não é fácil e que eles sempre tem que pensar em muitos fatores antes de tomar decisões.

5.3.22. Goblin – duende (goblin) – duende

O “goblin” é mais um ser imaginário. Os “goblins” trabalham em “Gringotts” (ou “Gringotes”), o banco mágico, têm orelhas pontudas e olhos oscuros (HP1: 46, 1997). As tradutoras portuguesas, de casa de imprensa “Presença” optaram primeiramente pela solução “goblin” (HP1), mas depois mudaram-no para o “duende”. A palavra “goblin” existe na língua portuguesa e serve para demarcar um ser que é associada ao mal, é feio e assustador. Porém, é também um ser de pouca inteligência e hábitos selvagens (Wikipedia). A palavra usada na casa do “Rocco”, ou seja, pela tradutora brasileira, é (também) “duende”. O problema com esta palavra é que os “duendes” podem referir-se às várias criaturas mitológicas e folclóricas: os duendes irlandeses que ficam no final do arco-íris (os “leprechauns”), podem também referir-se aos ajudantes do Pai Natal (os “elfs”) e geralmente são descritos como tendo entre 15 e 30 centímetros de altura, que não está de acordo com os

“goblins” do mundo de “Harry Potter”. Como podemos ver, manter a palavra “goblin” nas traduções não seria uma boa ideia simplesmente porque os “goblins” ingleses podem dizer diferem bastante dos “goblins” da Península Ibérica. Por outro lado, a palavra “duende” que, como temos visto, demarca várias criaturas que aparecem nos contextos diferentes e têm aparências diversas e variadas, serve como um termo geral para uma criatura de tamanho relativamente pequeno, com certas capacidades e características. É através da descrição das criaturas no primeiro livro que os leitores podem ver e imaginar do que “tipo” de “duende” o livro trata. Isto é um exemplo onde é que a estratégia da “Substituição” foi usada em vez de “Retenção” para que se evite confusão e incongruência.

6. CONCLUSÃO

O objetivo desta tese foi ver quais processos de formação de palavras e semânticos foram usados com mais frequência nos neologismos ingleses de *Harry Potter* e na sua tradução para a língua portuguesa – a variedade europeia e a variedade brasileira. A ênfase especial foi posta ao neologismos que pertencem à categoria de objetos mágicos. Foram analisados os morfemas usados para criar os neologismos e a questão de existência de um tipo de padrão, ou seja, se existem alguns morfemas que são mais produtivos e que, por essa razão, poderiam ser usadas com mais frequência. Como temos visto na análise, a tradução dos neologismos é uma das tarefas mais árduas de tradutores. Não basta só ter um bom conhecimento das línguas fonte e alvo, mas o tradutor também precisa de possuir uma base linguística minuciosa e completa, tão bem como uma dose robusta da criatividade. Um dos objetivos desta tese foi ver como é que vários tradutores enfrentam os desafios apresentados pela autora da série com o seu uso de palavras novas e estranhas para designar o mundo que ela criou.

A breve análise de traduções feitas em português europeu e português brasileiro mostrou que as tradutoras dos livros às vezes optaram por soluções muito semelhantes, até mesmas, e que, outras vezes, optaram por soluções completamente diferentes. Embora Peter Newmark espere os tradutores usarem os mesmos processos usados nas palavras originais (1998:142), temos visto na parte da análise que isto não funciona todo o tempo, a teoria é uma coisa e a prática outra. Esperava que existisse um padrão que poderia ser usado para decidir que tem que ser traduzido e como, mas parece que todas as decisões tomadas por tradutores são muito individuais e dependem de caso ao caso. Depois da análise parece que, para os leitores, não importa muito se alguma palavra, especialmente se se trata de um nome, é

traduzida ou não, ou seja, até é possível dizer que os leitores preferem não traduzir nomes próprios e manter a versão original. O que é importante é não influenciar a história e a sua apresentação numa cultura e língua qualquer com malas decisões translacionais. Os sistemas linguísticos são diferentes, as línguas são diferentes é os tradutores não podem sempre seguir e copiar as estratégias usadas no texto fonte.

Vendo as duas traduções, também é possível concluir que na versão brasileira existe muito mais esforço por parte da tradutora na tradução e recriação de neologismos e nomes próprios presentes nos sete livros que na versão europeia. Porém, pode se dizer que o “Cruzamento”, a “Derivação” e a “Combinação” foram os três processos usados com a maior frequência e que a “Derivação”, ou melhor, a sufixação, definitivamente foi usada mais que os outros, até nos casos quando a palavra fonte não foi derivada, mas o tradutor não podia copiar o processo original, como temos visto no caso de “rememberall” que foi traduzido como “lembrador”. Isto tem a ver com a economia e eficácia linguística, é mais fácil usar afixos nominais, especialmente sufixos como “-er” e “-(d)or” para criar substantivos de verbos que tentar combinar dois radicais para criar uma palavra que também seja pronunciável, cujos componentes e cujo significado seria claro da sua forma, e que possa ser usada num contexto qualquer. Por esta razão, ou por causa destas dificuldades, as tradutoras usaram várias outras estratégias como transposições e paráfrases na transcrição de neologismos criados pela Rowling, para manter pelo menos algumas das características e alguns componentes de significado de palavras originais. Temos visto na análise, com o exemplo de “Knightbus” que a vantagem foi dada à semântica e não morfologia nos casos quando não foi possível atingir os dois. Alguns neologismos, os baseados mais na semântica, ou seja, os que é mais fácil entender porque palavras semelhantes já existem ou eles são feitos como compostos de palavras já conhecidas e é só necessário aprender o novo significado e não a forma completamente nova como no caso de neologismos baseados na morfologia.

Falando da morfologia, este corpus foi muito pequeno e algumas palavras foram transpostas ou parafraseadas e por isto não podem ser incluídas para fazer conclusões. Enquanto a classe de palavras, todas as palavras analisadas foram nomes ou substantivos. Eles pertencem a uma categoria aberta e são mais fáceis para usar e ser mudadas, ou seja, derivadas se for necessário. A maioria delas são curtas, isto talvez tenha a ver com o público alvo: os livros começaram como livros para crianças embora tivesse ocorrido um efeito global e agora os livros estão lidos por todos. Das palavras que podem ser usadas, é claro que as tradutoras usaram as mesmas morfemas, geralmente “-(d)or” e “-scópio” que são, podemos

dizer, os equivalentes de “-er” e “-scope” em inglês e são mais produtivas que outros. De acordo com Lieber, o “-er” (ou “-(d)or”) é o mais produtivo sufixo derivacional e é geralmente usado para “agentes ou instrumentos” (2004:17), facto também confirmado por Vilela, e algo que está de acordo com os resultados da análise. Embora não possamos dizer que há alguns padrões reais na tradução de neologismos, há instâncias quando os “mesmos” morfemas foram usados nas mesmas palavras na tradução para as duas variedades de português.

A análise também tem mostrado que certas soluções poderiam ser melhores, ou seja, mais claros, lógicos. A ênfase poderia ser posta numa outra coisa, como temos visto no caso de “botão de transporte” e “chave de portal” para que se crie uma outra imagem mental. Também, no caso de tradução de posições de “quidditch” na versão portuguesa, parece que não há razões lógicas para deixar as posições na forma original, como temos visto com a tradução brasileira, eles puderam ser traduzidas, até com umas derivações simples de verbos; por exemplo: “buscador” de “buscar” para o “seeker” e “guarda” de “guardar” para o “keeper”. Seria menos estranho fazer isto que optar por “retenção direita” de palavras inglesas no texto em português. As versões “mais portuguesas” também explicariam melhor o papel de jogador que joga em certa posição para os leitores como os neologismos originais fazem no texto fonte para o público fonte. É claro imediatamente para um falante de inglês que seria o papel de um “catcher”, mas para um leitor português sem conhecimento nenhum de inglês como o “catcher” ou “seeker” não significam nada. É importante manter os elementos da cultura fonte mas talvez através de outras coisas. Seria interessante e útil trabalhar com as tradutoras da série, fazer umas entrevistas e ver como é que elas optaram por certas soluções durante o processo de tradução. Também seria útil colaborar com uns falantes nativos de ambas as variedades da língua portuguesa para que possamos fazer uma análise mais detalhada de neologismo e obter explicações de como é que um falante nativo da língua portuguesa percebe os neologismos e as soluções escolhidas pelo tradutor.

A língua, inglesa, portuguesa ou qualquer outra, é uma entidade viva, isto é necessário de saber. Ela muda constantemente, então, devemos prestar atenção à palavra em sua estrutura e perceber os vários significados que lhe são atribuídos quando recebem novos elementos. É através do processo da tradução, especialmente a tradução de neologismos, que podemos ver a riqueza e beleza da ela. Este facto é exprimido até nos casos de duas variedades ou normas de uma língua.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PRIMÁRIAS:

- Rowling, Joanne Kathleen. 1997. *Harry Potter and the Philosopher's Stone*. London: Bloomsbury
- Rowling, Joanne Kathleen. 1998. *Harry Potter and the Chamber of Secrets*. London: Bloomsbury
- Rowling, Joanne Kathleen. 1999. *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban*. London: Bloomsbury
- Rowling, Joanne Kathleen. 1999. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Lisbon: Editorial Presença
- Rowling, Joanne Kathleen. 1999. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco
- Rowling, Joanne Kathleen. 2000. *Harry Potter and the Goblet of Fire*. London: Bloomsbury
- Rowling, Joanne Kathleen. 2000. *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*. Lisbon: Editorial Presença
- Rowling, Joanne Kathleen. 2000. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Lisbon: Editorial Presença
- Rowling, Joanne Kathleen. 2000. *Harry Potter e o Cálice do Fogo*. Lisbon: Editorial Presença
- Rowling, Joanne Kathleen. 2000. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco
- Rowling, Joanne Kathleen. 2000. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco
- Rowling, Joanne Kathleen. 2000. *Harry Potter e o Cálice do Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco
- Rowling, Joanne Kathleen. 2003. *Harry Potter and the Order of the Phoenix*. London: Bloomsbury
- Rowling, Joanne Kathleen. 2003. *Harry Potter e a Ordem da Fénix*. Lisbon: Editorial Presença
- Rowling, Joanne Kathleen. 2003. *Harry Potter e a Ordem da Fénix*. Rio de Janeiro: Rocco
- Rowling, Joanne Kathleen. 2005. *Harry Potter and the Half Blood Prince*. London: Bloomsbury
- Rowling, Joanne Kathleen. 2005. *Harry Potter e o Príncipe Misterioso*. Lisbon: Editorial Presença
- Rowling, Joanne Kathleen. 2005. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco
- Rowling, Joanne Kathleen. 2007. *Harry Potter and the Deathly Hallows*. London: Bloomsbury
- Rowling, Joanne Kathleen. 2007. *Harry Potter e os Talismãs da Morte*. Lisbon: Editorial Presença
- Rowling, Joanne Kathleen. 2007. *Harry Potter e os Talismãs da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SECUNDÁRIAS:

- Castellví, Maria Teresa Cabre. 2006. *La clasificación de neologismos: una tarea compleja*. Alfa: Revista de Lingüística. Disponível em: <<http://seer.fcilar.unesp.br/alfa/article/view/1421/1122>>. Acesso em: 15 de novembro de 2016.
- Cunha, Celso. Cintra, Lindley. 1994. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Figueirinhas
- da Silva, Eronildo. da Silva, Maria Patricia Barbosa. Tenório, Rildecy Rodrigues Cardoso. *Análise da formação de palavras nos nomes fantasia*. Faculdade São Miguel. Revista dos alunos da graduação em letras: *Ao pé da letra*. Disponível em: <http://revistaopedaleta.net/volumes-aopedaleta/vol%2010.2/vol10.2-Eronildo_Silva-&-MariaPatricia_Barbosa-&-Rildecy_Tenorio.pdf>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2017.
- Delahunty, Gerald P. Garvey, James J. 2010. *Morphology and Word Formation*. “The English Language: From Sound to Sense”. Perspectives on Writing. Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press. Disponível em: <<http://wac.colostate.edu/books/sound/sound.pdf>>.
- House, Juliane. 2006. *Text and Context in Translation*. Journal of Pragmatics. p. 338-355. Acesso em: 10 November 2016.
- Lieber, Rochelle. 2004. *Morphology and Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Newmark, Peter. 1998. *A Textbook of Translation*. Shanghai: Shanghai Foreign Education Press.
- Ogden, Charles Key. 1972. Richards, Ivor Armstrong. *The Meaning of Meaning*. London: Routledge and Keagan Paul LTD.
- Pavlović, Nataša. 2015. *Uvod u teorije prevodenja*. (Introduction to Translation Theories). Zagreb: Leykam International.
- Vilela, Mário. 1994. *Estudos de lexicologia do português*. “A formação de palavras”. Livraria Almedina Coimbra. p.51-125

“Infopédia”. Porto: Porto Editora. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/>>

Oxford English Dictionary. London: Oxford University Press. Disponível em:
<<https://en.oxforddictionaries.com/>>